



PUC
RIO

ALZIRA SCHUELLER BARBOZA PEREIRA DA SILVA

VIVÊNCIA DA MENOPAUSA

TESE DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 31 de julho de 1981

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N.Cham. 150 S586v . TESE UC

Título Vivência da menopausa



Ex.1 PUCB

0114426

BC - PUC

DOAÇÃO

ALZIRA SCHUELLER BARBOZA PEREIRA DA SILVA

VIVÊNCIA DA MENOPAUSA

Tese para a obtenção do título de
Mestre, apresentada no Departamen-
to de Psicologia

Orientador: MONIQUE AUGRAS

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 31 de julho de 1981

78044



150
5586V
TESE VC
VC 3799-6
ex 7

Para Dr. Hélió e dona Eliza
Para Túlio

MEUS AGRADECIMENTOS

- A Monique Augras, orientadora, professora e amiga
- Às colegas Ângela Pequeno, Maria Ruth Dantas e Tâ
nia Furtado, pelo carinho e amizade

RESUMO

A menopausa é um tema pouco estudado pela Psicologia. O propósito deste trabalho é investigar como este período é vivido por quinze mulheres mineiras, habitantes de Belo Horizonte, que é uma cidade construída para ser capital do Estado de Minas Gerais.

Foi realizado um breve retrospecto da história do Estado de Minas Gerais e de suas tradições, bem como dos reflexos desses fatos em sua arte e vida cultural, para que se possa compreender melhor as contradições das habitantes desta Capital.

A Psicologia feminina é vista na obra de Sigmund Freud, Karen Horney e Hélène Deutsch, que ignoram ou falam de passagem sobre o tema.

A abordagem do presente trabalho é fenomenológico-existencial; procurou-se escutar os relatos das mulheres, entrevistadas e as conclusões demonstraram que suas vidas estão associadas a muitas perdas e que o corpo vivido como doente fala de uma sexualidade interdita.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	1
2 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO DA FEMINILIDADE DENTRO DA PSICOLOGIA	14
3 - FENOMENOLOGIA E EXISTENCIALISMO	22
4 - RELATOS	26
5 - ANÁLISE DOS RELATOS E CONCLUSÕES	39
6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
7 - LEITURA ADICIONAL	54

ABSTRACT

The menopause is a theme that has been little studied by psychologists. The purpose of this work is to investigate how this period is experienced by fifteen women, from Belo Horizonte, which is a city built to be the main city of the state of Minas Gerais.

There has been developed a quick background about the history of Minas Gerais and its traditions, as well as the consequences of these facts in its arts and cultural life, in order to better understand the contradictions of these inhabitants of this city.

Women psychology is seen in Sigmund Freud, Karen Horney and Hélène Deutsch's works where they neglect its or talk briefly about the theme.

The present work has a phenomenological-existential approach. We tried to hear the interviewed women's reports and the conclusions showed that their lives are associated to a lot of losses, and that their bodies, lived as a sick entity, speak about a forbidden sexuality.

1 - INTRODUÇÃO

Em pré-inquérito realizado no primeiro semestre de 1979, tendo como entrevistadas vinte mulheres brasileiras de classe média, de nível cultural, faixa etária e profissão variáveis, evidenciou-se um temor comum a quase todas: a velhice. O fantasma do envelhecimento surge, para as mulheres entrevistadas, muito antes do que se poderia esperar. Não é propriamente a senilidade e a esclerose que elas parecem temer, mas a perda de atrativos físicos e o desamor resultante, a esterilidade decorrente da menopausa e o vazio interno, a carência de uma vida plena e realizada e a frustração posterior.

As mulheres entrevistadas exerciam atividades e profissões diferentes, possuíam idades e níveis culturais também diferentes, mas parece que, para todas, os cinquenta anos provocariam um certo temor. Este tópico criou o interesse pelos fenômenos ligados à menopausa das mulheres que habitam as capitais; o estudo se concentrará em mulheres na faixa de cinquenta a sessenta anos. De uma forma geral, no convívio diário, observa-se, que mulheres que atravessam ou atravessaram a menopausa, afirmam-se velhas. É a época dos tranquilizantes e das cirurgias, da insatisfação e do desânimo.

As mulheres brasileiras de cinquenta a sessenta anos talvez tenham tido uma realidade de castração social maior que as jovens de nossa época. Nasceram entre 1920 e 1930 e, em sua infância, suas mães não votavam, sendo, no máximo, normalistas. Elas viveram o início da participação feminina no processo eleitoral e na vida profissional. Em sua grande maioria, as que exerciam atividades profissionais, restringiam-se ao magistério ou ao funcionalismo público, cujo ápice, cantado nas modinhas populares era a letra " O' de Penacho ", e " Maria Candelária ". Poucas participaram de atividades criadoras e de pesquisa. Personalidades como a Dra. Nise da Silveira, Djanira, Cecília Meireles, etc. são exceções.

A discutida industrialização, acentuada no Governo Juscelino Kubitschek, abriu novas fontes de trabalho; vivia-se uma euforia, que

se refletia, também, nos costumes. As "misses" ainda eram ideal de vida, mas outros mitos despontavam.

As alterações políticas de 1964 encontraram essas mulheres entre os trinta e quarenta anos; a funcionária estatutária começou a dar lugar à funcionária CLT; outra era a época, a euforia e o sonho se recolhiam; o mito da segurança e da estabilidade caía por terra. Kennedy e Kubtschek eram figuras do passado; uma inquietação surda nascia no aparente silêncio. A economia mudava, a política mudava, os costumes mudavam. Começava-se a falar veladamente nas pílulas anticoncepcionais. Que mundo seria este, que as surpreendia às vésperas dos quarenta anos, fazendo-as temer pelos filhos adolescentes, trazendo dúvidas para as solteiras e casadas?

Acompanhando a conquista de maior participação feminina em todo o mundo, percebe-se que a mulher brasileira tem muitos pontos em comum com as outras. Não se deve, no entanto, partir para generalizações que excluam evidências nacionais e regionais. Existe um destino biológico comum, um corpo de indivíduo que se submete aos desígnios da espécie, mas existem histórias particulares, realidades culturais, sociais e econômicas divergentes.

Este é um país colonizado, cujas tentativas de independência econômica e cultural foram restringidas pelo colonizador europeu. A escravidão e a educação das "sinhas,inhas" não poderiam deixar de legar marcas. As mulheres do período colonial não tiveram quase nenhuma participação ativa nos destinos do país. Essas "sinhazinhas" são as antepassadas das mulheres brasileiras de hoje. Legaram uma herança de ambiguidades, típica de país colonizado.

O homem, autoritário para os escravos, mulheres e filhos, era submetido à autoridade de um sistema político herdado da metrópole, a monarquia. Suas mulheres fechadas nesse mundo restrito, respiravam pouco o mundo social e jogavam suas energias reprimidas nas filhas e escravas. As mulheres nascidas entre 1920 e 1930, quando o país mudava sua estrutura político-econômica, às vésperas da revolução de 1930 e

do início da derrocada das oligarquias rurais, formadas principalmente para o casamento e para o lar, vislumbraram o início de um novo tempo, mas ainda foram, em sua grande maioria, espectadoras e não atrizes desse tempo. Foram "mulheres eunucos", tiveram sua sexualidade negada fora do casamento, uma vez que a maior ênfase dada à sua existência foi a reprodução; as que não se casavam e, conseqüentemente, não tinham sua sexualidade legitimada pelo marido e a instituição que este representa, cumpriam o destino de "solteironas" ou, então, a dura realidade de "mãe solteira" ou "mulher falada".

A menopausa surge, para a grande maioria, como o fim do ciclo vital, o fim da vida para a qual foram projetadas: a vida de mãe e "esteio do lar". As músicas, revistas e livros populares dessa época distinguem a mulher solitária e perdida, da mulher casada, mãe, esposa e filha exemplar.

Os boleros, tangos e sambas-canções, com os quais elas sonhavam, não se dirigiam a elas, mas às outras, àquelas que, na fantasia dos compositores, não amavam realmente e abandonavam tudo por uma vida fora do lar. Condenadas ao desamor e à solidão nos temas musicais, provavelmente deveriam vivê-los efetivamente.

A "mãezinha querida" defronta-se com a menopausa, percebe-se seca por dentro, seus órgãos se atrofiam, quando não são, em sua grande maioria, extirpados por cirurgias preventivas. Sem espaço interior, uma vez que o útero e o ovário sempre o definiram; ela é fígado, rins, intestinos, cérebro, etc., mas sua identidade interna é o útero, porque é ele que define sua importância social. U'a mulher que não pode gerar é um espaço vazio, u'a árvore seca, uma velha precoce. Sem espaço exterior, porque as casas de classe média têm, em geral, três ou quatro quartos, ocupados pelos filhos adultos, ou vazios pela sua ausência. Comportando também a sala de jantar e visitas, a copa e a cozinha, território da empregada.

Seu mundo interno atrofia-se, seu mundo externo amplia-se pelas ausências e não pela conquista de novos espaços. Os filhos, lentamente

te, vão viver suas vidas e ela sente-se traída; a letra da música dizia: "te adorarei toda a vida, com fé e devoção." A velhice surge com o vazio interior e a sensação de "não pertencer". Ela não é parte de uma comunidade; a idéia que acalentou sua vida se esvai. Confinada nos apartamentos e casas de classe média, movimenta-se em um espaço livre pelas ausências. Busca, nos tranquilizantes e nas novelas, a paz e o amor perdidos.

Esta mulher "sem pátria" apega-se ao ilusório, porque a castração social tornou-se, muitas vezes, física, legitimada pela cirurgia preventiva do câncer. O temor da morte situa-se, na maioria das vezes, nos genitais, aparentemente inúteis, fonte de ansiedade constante. A eterna suspeita do câncer ginecológico a atormenta.

A realidade acima descrita talvez não possa ser generalizada para mulheres que vivem em pequenas comunidades ou mulheres vinculadas a atividades criadoras, intelectuais ou políticas. Talvez se excluam também as mulheres, cujos vínculos familiares não foram radicalmente cortados. Talvez a descrição possa ser extensiva àquelas mulheres cujos vínculos rompidos quando os filhos foram viver suas vidas, deixaram lastros de angústia e vazio. Muitas destas mulheres são as mães das adolescentes hippies, das moças que romperam com muitos dos valores das décadas anteriores. O mundo para o qual viveram e no qual acreditaram já não existe, mesmo não participando diretamente dos processos sociais, seus reflexos as atingem.

As personagens das novelas não optam primordialmente pelo lar, os romances e fotonovelas não trazem mais as antigas heroínas donzelas. As "Mulheres de Atenas" de Chico Buarque de Holanda são reais ainda, mas a constatação do compositor já traz em si os germes de uma nova época; as "Mulheres de Atenas", talvez (quem sabe?) não viverão mais em suas netas. A mulher casada e a "outra" já não têm limites tão definidos e o divórcio, timidamente, legitima-se na prática.

O presente trabalho se concentrará nas mulheres mineiras que atravessaram a menopausa, investigando seus sentimentos e expectativas

frente a esta etapa de suas vidas. Serão investigados, no decorrer do trabalho, os sentimentos e expectativas de quinze mulheres empenhadas em atividades criadoras, de mulheres que viveram voltadas para o lar e de mulheres que se aplicaram a atividades burocráticas ou ao magistério de 1º grau. Qual seria o significado da menopausa para estas mulheres?

A realidade de nosso Estado, com u'a estrutura familiar ainda patriarcal, atingiu-as em sua adolescência e juventude; poucas romperam com o que seria o seu destino: a maternidade. Não se pode ignorar a aposentadoria para as que trabalharam durante toda a sua vida; talvez seja interessante saber se a perda da função reprodutiva tem o mesmo peso da perda da atividade profissional.

O que é a menopausa para u'a mulher mineira de classe média, habitante de u'a capital? Será a perda de sua capacidade reprodutiva? Será a aposentadoria? Será a perda de atrativos físicos? O que significa a partida dos filhos para viverem suas vidas?

Pretende-se delimitar o "viver da menopausa" como parte do processo existencial do indivíduo feminino.

"E" ainda através de uma crise difícil que a mulher escapa ao domínio da espécie; entre quarenta e cinco e cinquenta anos desenrolam-se os fenômenos da menopausa, inversos aos da puberdade.....
Já se afirmou que as mulheres idosas constituem um terceiro sexo, e, com efeito, não são machos, não são fêmeas. Sua vitalidade continua intacta, entretanto, não mais são presas de forças que as superam, coincidem consigo mesmas."
(Beauvoir, 1975, p.51)

A vivência da menopausa será abordada a partir de observações e entrevistas, tentando explicitar-se um conceito que não seja descrição de uma fase, mas observação participante de um processo. A Fenomenologia tem como objeto o fenômeno, como se apresenta na experiência direta, contendo uma integridade existencial própria. A redução fenomenológica apreende o fenômeno, eliminando a facticidade; a redução eidética busca a essência do fenômeno, captando aquilo que o ca-

racteriza. Para a Fenomenologia não existem as duas entidades homem (sujeito) e mundo (objeto), mas o homem no mundo em uma série infinita de intenções. Buscar-se-á a experiência de mulheres que vivem ou viveram a menopausa, considerando-as como seres concretos no mundo, formando uma unidade, e não uma dicotomia ser e mundo.

A síntese do Método Fenomenológico com a Psicologia Existencial nos remete a um ser no mundo, que vive um processo, muitas vezes caracterizado por forte angústia por ser visto como etapa final do "existir feminino". A questão essencial é acompanhar a vivência de mulheres inseridas em um tempo. E' percebê-las atuando e recebendo influências de um tempo histórico e biológico, que as possui e é por elas possuído.

"Não se trata de uma obra com proposta de amostragem: o intuito que me levou a empreendê-la foi registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós. Este registro alcança uma memória pessoal que, como se buscará mostrar é também uma memória social, familiar e grupal."
(Bosi, 1980, p.1)

O "viver da menopausa" pretendido é o testemunho de quem a vivencia, sem omitir que este presente é cercado de lembranças e marcas de vários tempos. Essas mulheres viram casas serem construídas e demolidas, passearam na Av. Afonso Pena margeada por árvores que já não existem. Tiveram fins de semana em sítios ou fazendas, hoje desmatadas, ou passearam por cidades impregnadas por um passado, cujo conflito está gravado na arquitetura e nas pinturas e esculturas barrocas.

Elas são presente e memória, porque assistiram transformações abruptas e marcantes, fotografando, em memória recente, um passado, que flutua nas ladeiras de Ouro Preto e nos sinos de São João D'El Rey e Diamantina. As mulheres mineiras vivem em um Estado de história e tradições ambíguas.

O açúcar anglo-holandês fabricado nas Antilhas prevaleceu sobre o produto brasileiro no mercado europeu, tendo como consequência, a decadência da região canavieira do nordeste. No final do século XVII e início do século XVIII, Minas Gerais começou a alimentar a metrópole com toneladas de ouro, que permitiu ao Marquês de Pombal reconstruir Lisboa e financiar a Revolução Industrial da Inglaterra. O sertão mineiro foi invadido por garimpeiros, faiscadores, comerciantes, burocratas, aventureiros, levas de escravos, artesãos e frades. Os aventureiros mesclaram-se a uma população indefinida, que começou a se caracterizar no século XVIII, quando firmam-se as manifestações artísticas do barroco, gravado na arquitetura e no interior das cidades históricas mineiras. Floresceu a vida urbana em Ouro Preto, Sabará, São João D'El Rey e Diamantina.

O barroco é a expressão de um conflito. É o carnal que se contrapõe ao espiritual, como atestam os nossos anjinhos gordinhos e nus, os Cristos de expressão dilacerada, as igrejas ricamente revestidas de dourado, que são, ao mesmo tempo, escuras, tristes e cobertas de túmulos.

A urbanização criou subsídios para uma arquitetura religiosa, cujos edifícios foram enriquecidos e seus interiores recobertos com talhas, esculturas e painéis dourados. O barroco do século XVIII apresentou diferenças regionais. O barroco das Vilas das Minas Gerais é menos português que o do nordeste, tendo como material a pedra sabão e como artistas, os mulatos e artesãos populares. A ourivesaria nascente foi proibida e cerceada pelo medo que a metrópole possuía do contrabando de ouro. A pintura primitiva e ingênua apresentou uma técnica deficiente e inspirou-se no ilusionismo italiano de Andrea Del Pozzo. A arte sacra completou-se com a música. Os nossos mestres do barroco mineiro na música são considerado por alguns estudiosos como pré-clássicos. Nesta sociedade, os músicos tinham uma situação profissional relativamente estável.

A elite urbana criou condições para espetáculos teatrais e musi

cais, apesar da censura vigilante da Coroa. As tradições mineiras nasceram das contradições. Era um povo que tinha o ouro, mas que não o possuía. É o mito de uma família tradicional, que não consegue se estender a 200 anos de tradições, porque encontramos padres e cortezãs em seus primórdios. Tinham o ouro, mas o lavravam para Portugal. Construíam tradições e famílias, mas olvidavam memórias que não devem ser lembradas.

"O artista barroco foi, pois, existencial e historicamente, um ser em crise, sua arte registrou, como um grande radar, as oscilações das idéias e as linhas cruzadas das formas de expressão em mudança."
(Ávila, 1977, p.30)

As três grandes figuras feminas do passado mineiro são Xica da Silva, Joaquina do Pompéu e Dona Beja do Araxá. Foram três mulheres que marcaram sua presença na vida política, econômica e cultural, mas cujo poder fortaleceu-se nas alcovas. A arte exprime o seu tempo, porque o artista é um homem que retrata direta ou indiretamente a sua época. O barroco mineiro exprimiu, através de sua arte, uma sociedade urbana e contraditória, submissa e insubmissa, miscigenada e ambicionando tradições. A arte era instrumento de valorização social e competição, permitindo a mudança de status dos artistas mulatos e valorizando os grupos sociais, representados pelas irmandades dos pretos e mulatos. O mulato era figura de relevo na vida artística, porque os elementos de casta superior revelavam preconceito quanto à atividade manual e artesanal. O interesse sempre crescente pelo barroco nas elites intelectuais brasileiras revela, talvez, a busca de raízes em nossa arte.

O regionalismo mineiro, para muitos investigadores, desenvolveu-se no período áureo da mineração. Durante o processo de dispersão, depois da decadência da mineração, é provável que os migrantes tenham levado traços culturais, consolidados nos centros de mineração, difundindo-os em outros locais.

A decadência da mineração estagnou o surto urbanizador do século XVIII, reativado com as frentes agro-pastoris e com os centros industriais. Minas não conta com grandes centros urbanos, como São Paulo, formando uma rede urbana desequilibrada. Belo Horizonte é uma cidade planejada e recente. A antiga capital foi Ouro Preto, onde se concentrou um grande núcleo urbano, decorrente da mineração. A nova capital representou uma nova política e um novo centro, que uniu o norte, o centro e o sul de Minas, caracterizados por economias diversificadas.

Minas Gerais é um Estado cheio de idiossincracias. Embora possua algumas indústrias, não possui as características de um Estado industrializado como São Paulo, no entanto, até o final da década de cinquenta, possuía algumas indústrias básicas e centralizava sua economia nos grandes grupos financeiros, representados pelos bancos, atualmente de economia mixta. É um estado com uma rede urbana desequilibrada, cujas cidades crescem desordenadamente com desníveis interregionais, gerando tensões em sua formação social e dificultando a síntese do caráter regional formado no passado e sua feição atual.

As mulheres, cuja vivência está em estudo, viveram dois tempos e duas histórias. Nasceram na segunda e na terceira décadas do século XX. Viveram infância, adolescência e juventude no Estado Novo, governo Outra e governo Kubtschek. Viram transformações abruptas, passaram da cozinha para a sala e viram suas filhas saírem da sala para as ruas. Algumas se envolveram no processo, outras viveram o seu mundo familiar exclusivamente. Todas têm em comum a menopausa, os filhos criados ou não gerados, a aposentadoria e um sexo, cujos mitos e estereótipos podem invalidá-las.

Têm em comum as origens de uma história ambígua, cujas memórias foram relativamente apagadas na Belo Horizonte de classe média e funcionários públicos, que veio a atrair, posteriormente, os filhos dos grandes proprietários rurais, com seus bancos, vida política, universidades, etc. O que dizer destas mulheres e de sua participação na vida da comu

nidade?

Observa-se maior participação feminina nos projetos ligados à a reaeducacionais; em sua maioria, a classe média alta não tinha uma a atuação direta no processo educacional, mas através de programas benefii cientes. Este fenômeno liga-se à presença da educadora Helena Antipoff, que formou uma geração de educadoras, mas obteve, inicialmente, uma a atuação feminina indireta, através de programas beneficentes para lev vantamento de recursos sfinanceiros.

Em 1940, a mulher mineira de classe média alta estudava em Colég ios religiosos e não era formada para atuar profissionalmente na comun idade. A atuação direta ficava com a pequena burguesia, de onde saíam as "professorinhas primárias". Durante umas três décadas, estudar no Curso Normal era ua aspiração das adolescentes mineiras, exceção feita a algumas precursoras.

A partir de 1950, o ensino primário e o funcionalismo público, com os antigos IAPs e as Secretarias Estaduais e Municipais acolheram um grande contingente feminino. Poucas exerciam cargos de chefia, sendo que a maioria, dentro do quadro burocrático, atuavam como datilógraf as e secretárias. Em meios monopolizados pela população masculina, tem os algumas pioneiras, como Laura Boechat, no jornalismo, a Dra. Maria Toffani, na medicina. São pineiras solitários de um momento pouco marcado pela atuação feminina. Na literatura, temos Henriqueta Lisboa, Lul cia Machado de Almeida, etc. E' interessante observarse, que a literatura infantil contou com grande participação feminina. A busca de uma linguagem feminina na literatura é conquista recente de uma geração, cuj os elementos mais novos, como Adélia Prado, estão na faixa dos quarenta anos.

Vamos encontrar nossas entrevistadas, nesta Belo Horizonte, onde ruas foram abertas e bairros novos surgiram, enquanto outros, deram lug ar ao comércio ou perderam sua forma original nas avenidas e estradas do presente. A cidade adquiriu marcas e ganhou nova feição. Suas habit antes de cinquenta e sessenta anos ganharam rugas, gorduras, filhos, ne

tos, títulos e perdas. Observá-las é viver dois tempos, o tempo da memória, e das lembranças e o tempo de presente, que pressupõe um futuro, se tivermos a perspectiva da existência como processo de transformação contínua.

"Existencialismo envolve a centralização na pessoa existente e enfatiza o ser humano como emergente, em evolução. A palavra existência provém da raiz latina existere que significa literalmente surgir, salientar-se."
(May, 1976, p.13)

É difícil encontrar ruas sem prédios, rever as árvores e os bondes de um passado recente. É difícil atravessar o tempo histórico e biológico sem transformar-se e adquirir marcas. Menopausa é termo médico, refere-se à cessação das regras. Após a menopausa ocorrem alterações morfológicas e endócrinas no organismo da mulher. Do ponto de vista morfológico, observa-se uma tendência maior à obesidade, em mulheres que, anteriormente, tinham o peso relativamente estável e, u'a maior tendência ao emagrecimento, em mulheres anteriormente magras. Podem ocorrer transtornos vasomotores e a pele tende a se tornar mais flácida. No aparelho genital ocorre a amenorréia e, depois de cinco anos, os ovários tornam-se esclerosados e atróficos. O útero se atrofia e parece ocorrer uma perda da elasticidade da vagina. Nos caracteres sexuais secundários, observa-se atrofia das mamas, mudança de voz e aparecimento de pelos em regiões anteriormente lisas. Do ponto de vista endócrino, após a menopausa, observa-se uma regressão das atividades da hipófise, do ovário, da suprarrenal e da tiróide.

Confunde-se o termo climatério com a menopausa, mas é incorreto usá-los como sinônimos. O climatério começa antes da menopausa e se prolonga depois desta, o climatério é pré e pós menopáusico, sendo colocado entre os quarenta e cinco anos e os sessenta anos.

A descrição de um processo orgânico é diferente da observação vívida de mulheres que o experimentam, como viveram a menarca, a gestação e a esterilização determinada biologicamente. Elas atravessaram estas e

tapas, inseridas em uma época e em grupo social, cercadas pelo exterior e vivendo internamente transformações, geralmente cercadas por mitos e coerções. Este corpo, que se fecha para a reprodução, pode estar aberto para novos tempos se os mitos e ritos de uma sociedade, que exclui os indivíduos considerados improdutivos, não o esterilizar psicologicamente, impedindo sua expansão. Não se trata de fixar antecedentes e estabelecer princípios de causalidade, mas de se ver a vida em sua essência.

"Os projetos do indivíduo transcendem o intervalo físico de sua existência: ele nunca morre tendo explicitado todas as suas possibilidades. Antes, morre na véspera: e alguém deve realizar suas possibilidades que ficaram latentes, para que se complete o desenho de sua vida."

(Bosi, 1980, p.32)

Observar-se a vida em sua complexidade, com seus conflitos, misticismos e culpas nos afasta de conceitos lineares e definitivos. O testemunho de uma geração e de indivíduos desta geração é um trabalho importante para quem pretende compreender as diversas etapas da existência. Uma senhora de cinquenta anos afirmou a esta pesquisadora, que se é moço por um período muito curto e se é velho por longo tempo. Seria uma premissa definitiva ou seria o depoimento pungente de u'a mulher, cujo período produtivo encerrou-se com os filhos e o casamento fracassado?

O "tornar-se mulher" é u'a passagem, que tem o sangue como sinal. A menarca é a primeira menstruação, quando os órgãos reprodutores tornam-se aptos para procriar. A menopausa tem como principal sinal, o desaparecimento do sangue menstrual e os sintomas de hipertensão e ansiedade, que alguns médicos consideram psicológicos, enquanto outros, consideram sintomas orgânicos. Esta época pode coincidir com a aposentadoria, para as que trabalham, ou com a saída dos filhos, para as "donas de casa".

Elas caminham por ruas desfiguradas, mudam de bairros ou permanem no mesmo espaço. São amadas ou rejeitadas, atuam ou atuaram na co-

munidade. O que é esta experiência em sua totalidade? É um romance ou uma crônica leve, depende de quem a vive e como a viveu.

O "sair de sua imanência" pode levar u'a mulher para além do seu corpo, sem que ela deixe de habitá-lo. O saber-se parte de uma comunidade poderia diminuir o temor dos mitos que cercam a feminilidade. U'a árvore passa por diversas fases até fenecer. Ela floresce su cessivamente, dá frutos e fenece. O ciclo animal do indivíduo feminino não tem o reflorescer anual. Não se revive a menarca em sua dimensão orgânica; após a menopausa, os órgãos reprodutores se atrofiam. Esta fase, mesmo para as que não tiveram filhos, tem um significado cultural e uma vivência especial em sua interioridade.

2 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO DA FEMINILIDADE DENTRO DA PSICOLOGIA

A questão proposta neste capítulo é a seguinte: "a literatura psicológica detém-se na menopausa como objeto de estudo?" A pesquisa bibliográfica efetuada, abrangendo obras de Sigmund Freud, Karen Horney e Hélène Deutsch, demonstrou que estes autores pouco se detiveram no tema, ou então, o ignoraram. A sexualidade feminina tem merecido trabalhos de diversos especialistas, mas concentra-se, principalmente, em conjecturas sobre a sexualidade da mulher jovem. O estudo sobre este "continente negro" ainda não se esgotou, cada trabalho se encerra com uma nova questão. A menopausa mereceu poucas referências. Levantar-se-ia diversas hipóteses:

- a) a negação da sexualidade feminina após a menopausa
- b) a marginalização social da mulher mais velha e estéril, considerando-se tanto o aspecto reprodutivo, como o aspecto produtivo.
- c) a ciência se interessa pelo ser humano, enquanto fonte de novas questões e pesquisas. O preconceito que cerca a menopausa, pode circunscrevê-la ao estágio terminal da feminilidade.

As mulheres mais velhas surgem, muitas vezes, na literatura infantil, com poderes malévolos e castradores. São as bruxas e feiticeiras e, mesmo a bela rainha de "Branca de Neve e os sete anões", transformou-se em uma velha para lhe oferecer a maçã venenosa. Temos a madrasta de "Cinderela" e inúmeros outros exemplos, que povoam a infância com figuras de mulheres velhas, que trazem consigo a morte e a ameaça.

A menopausa surge, nas verbalizações das mulheres, com uma conotação negativa, sendo, geralmente descrita, por aquelas que a vivem, como um período desagradável, tanto física, quanto psicologicamente. Talvez se possa levantar duas questões: "o psicólogo ignora a mulher nesta fase", "as próprias mulheres procuram os médicos e evi-

tam os psicólogos, o que dificultaria uma pesquisa maior sobre o assunto. Sabemos, no entanto, que a medicação indicada pelos médicos inclui, geralmente, antidepressivos.

Este capítulo se propõe a fazer um breve retrospecto sobre o que disseram alguns psicólogos a respeito da feminilidade e tentar extrapolar algumas conclusões, tendo em vista uma psicologia da menopausa, a partir de alguns conceitos emitidos por eles.

2.1 - Sigmund Freud

Observe-se o que Freud teve a dizer sobre a sexualidade feminina, revendo algumas idéias desenvolvidas por ele nos "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade" (1905), "Fragmentos de um Caso de Histeria" (1901), "Sexualidade Feminina" (1931), "Sobre o Narcisismo, Uma Introdução" (1914).

Questiona-se, atualmente, a ausência de estudos sobre a mulher, que tenham uma linguagem feminina. Discute-se a ótica masculina de Freud ao analisar este "continente negro", cercado de mitos, restrições e ressentimentos. Acusa-se Freud de maximizar o "ser castrado" e construir uma "psicologia falocêntrica", que reforça o superego masculina e mantém a dependência do objeto (homem/pênis) na mulher.

Freud (1914) coloca que, em ambos os sexos, existe um núcleo narcísico básico, superado à medida que o indivíduo dirige sua libido para o objeto. O direcionamento da catexis libidinal para o ego, em detrimento de outras ligações objetais, seria indício psicótico (parafrenia). A primeira ligação objetal da criança seria com a mãe, que a nutre e protege. O homem teria esta primeira ligação com um ser do sexo oposto, enquanto que a mulher a teria com um ser do mesmo sexo (a mãe). Um desenvolvimento afetivo-sexual harmonioso substituiria o narcisismo por uma afetividade dirigida para um ser do outro sexo. Comparando o sexo feminino e o sexo masculino, Freud os diferenciou quanto a sua escolha objetal. Para Freud, o amor objetal

completo é próprio do homem, enquanto a mulher teria um núcleo narcísico, somente superado com a maternidade, que a dirige para o objeto externo.

Freud ignorou alguns aspectos culturais, que supervalorizam os atrativos sexuais femininos e levam muitas mulheres a procurarem "ser amadas", antes de "amar a"; ele enfatiza o fato da ligação objetal feminina ser com um ser do mesmo sexo, o que dificulta o "sair de si mesma". O "Édipo negativo" é o amor da menininha pela mãe até os quatro anos, com o advento do "complexo de castração", ela se volta para o pai, na tentativa de substituir por um filho deste, o pênis que lhe falta. O "Édipo" do menino declina com o "complexo de castração" e leva à formação de um superego que, para Freud, seria mais forte que o da menina. O "Édipo" feminino parece ter uma conotação de segurança, não declinando da mesma forma que o masculino. É comum ouvir-se os pais dizerem, que os filhos os deixarão, mas as filhas continuarão com eles. Até o advento do "complexo de castração", a menininha seria um homenzinho e, com o "complexo de castração", até alcançar a puberdade, ela possuiria um pênis castrado, ignorando a existência de sua vagina.

Ele levantou a hipótese de um "monismo sexual", no qual o único órgão reconhecido pelos dois sexos é o "falo". No menino seria o pênis, na menina seria o clitóris. A maturação sexual feminina ocorreria com uma troca de zona erógena, ou seja, o clitóris seria substituído pela vagina. Outra hipótese é a da "passividade" feminina que, quando extrapolada para o social, leva a conclusões que associam as manifestações intelectuais femininas como uma manifestação da "inveja do pênis". Tais conceitos poderiam levar a uma autocastração intelectual, porque a criação poderia se associar à virilidade e à posse do pênis.

Observa-se, em síntese, que Freud levantou hipóteses quanto à sexualidade feminina a partir de sua dependência do objeto externo; pode-se inferir algumas idéias sobre a menopausa, que não foi objeto de estudo do autor, a partir de seus conceitos:

- a) Considerar-se que a perda das funções reprodutoras pode dirigir a catexis libidinal feminina para o ego, configurando a menopausa como um período narcisista, caracterizado por crises hipocondríacas e depressivas, caso não haja um direcionamento da catexis libidinal para outros objetos
- b) Caracterizar a menopausa como um momento em que a mulher pode superar seu destino biológico, direcionando sua catexis libidinal para diversos objetos, sejam os netos ou outros homens, seja para uma maior participação na vida da comunidade ou em atividades criativas.

2.2 - Karen Horney

Em "Novos Rumos na Psicanálise" (1966), no capítulo que aborda a psicologia feminina, Karen Horney revê os conceitos de Freud sobre o "complexo de castração", "narcismo", "desejo de ser amada", "masoquismo" e "inveja do pênis". A autora conclui que fatores sociais, econômicos e culturais não devem ser descurados no estudo da mulher e, que uma grande parte dos estudos de casos clínicos, dentro da Psicanálise, foram feitos a partir de personalidades neuróticas, o que impede a aceitação de muitas conclusões, como científicas.

"Creio que todos concordam com Freud que diferenças de constituição e funções sexuais influenciam a vida mental, mas parece pouco construtivo especular a respeito da natureza exata dessa influência. A mulher norte-americana é diferente da alemã e ambas são diferentes de uma índia da tribo Pueblo. A mulher de Nova York é diferente da esposa do fazendeiro de Idaho. O que esperamos poder compreender é a maneira pela qual condições culturais específicas engendram qualidades e faculdades, também específicas engendram qualidades e faculdades também específicas, tanto no homem, quanto na mulher."
(Horney, 1966, p.99)

Sobre a "inveja do pênis", a autora considera ambígua a idéia de que um ser dotado de atributos biológicos femininos, tenha carac-

terísticas psíquicas que o direcionem para obter atributos do outro sexo. A convicção de que existe uma "inveja do pênis" é atribuída a preconceitos teóricos, que coincidem com preconceitos culturais, que inserem a mulher dentro de papéis passivos e atitudes conformistas. Muitas vezes, a paciente setornaria cúmplice do terapeuta em suas interpretações, porque é mais cômodo aceitar a "inveja do pênis", que ser vista como insatisfeita, incapaz, etc. O desejo de ser homem poderia ser expressão do desejo de se ter os mesmos privilégios dos homens em nossa cultura.

A autora recusa-se a prender-se a concepções genéricas sobre o assunto, deixando claro que cada situação exige uma resposta particular, considerando-se a história de cada indivíduo. Ela teme que interpretações cristalizadas, em torno do conceito de "inveja do pênis", levem o analista a ignorar e obscurecer dificuldades inerentes à estrutura psíquica de determinados indivíduos.

Refuta idéias de Hélène Deutsch sobre o "masoquismo feminino", ponderando que a maioria dos dados obtidos para esta conclusão, repou^{sa} no estudo de mulheres neuróticas. Além disso, Horney não conside^{ra} o "masoquismo" como um fenômeno puramente sexual. Ela o considera, também, como resultante de conflitos nas relações entre os indivíduos, acrescentando que os motivos culturais que podem determinar o masoquis^{mo} feminino não devem ser omitidos.

Ela se reporta a Freud, quando este afirma que o medo básico da mulher é a "perda do amor" e, associando "masoquismo" a dependência emocional, expressa que os fatores culturais que levam a mulher a super^{estimar} o amor e a temer a perdê-lo, podem conduzi-la a comportamentos masoquistas.

Mencionando o medo do envelhecimento e da perda de atrativos se^{xuais}, em nossa cultura, conclui que, se as atividades mais valorizadas para a mulher são amor, sexo, lar e filhos, então o passar do tempo trará angústia e sentimento de inferioridade, porque significará perda de^{razões} para ser amada. Neste tópico, ela faz menção às consequên-

cias psicológicas da menopausa, determinadas por fatores culturais.

Destaca que, na medida, em que sentimentos de autoconfiança, derivados de qualidades como iniciativa, coragem, independência, talento e erotismo pertencem ao homem, em uma sociedade patriarcal, a vivência da feminilidade pode levar a sentimentos de autodesvalorização. Pode-se dizer, em síntese, que a autora abandona muitos conceitos ortodoxos da Psicanálise sobre a feminilidade, porque considera os fatores culturais como atuantes na formação da personalidade feminina. Extrapolando suas idéias para uma psicologia da menopausa, pode-se levantar as seguintes hipóteses:

- a) A menopausa pode representar um período de angústia, insegurança e rejeição, porque fatores culturais impregnam a formação da personalidade feminina com idéias de encanto, dependência, fragilidade e atrativos eróticos. Essas qualidades as tornam amadas e, grande parte das mulheres, consideram que não mais as possuem após a menopausa, o que afastaria a possibilidade de serem amadas.
- b) O fato das mulheres não serem educadas para serem independentes, com valores sociais ligados ao trabalho e à comunidade, pode levá-las a se sentirem inseguras e angustiadas, quando perdem as qualidades enfatizadas por nossa cultura para que sejam valorizadas e amadas.

2.3 - Hélène Deutsch

Considere-se a seguir, alguns conceitos emitidos por Hélène Deutsch em sua "Psicologia das Mulheres" (1925), sobre "A Significação do Masoquismo" (1930) e, em sua participação em um Simpósio sobre a frigidez, em 1960:

A fase final do desenvolvimento masculino é legitimada pela descoberta da vagina como externa a seu corpo e da posse sádica que o homem faz do corpo feminino. A mulher descobre a vagina dentro de-

la mesma e esta descoberta legitima-se pela submissão masoquista ao pênis.

Quando o pênis perde sua equivalência com o seio e a menina abandona as fantasias orais, ela atinge o estágio sádico-anal, no qual o pênis se torna órgão de dominação. A sexualidade é concebida de forma sadomasoquista e a menina se identifica tanto com a atividade paterna, quanto com a passividade materna. A vagina passa a ter um caráter erógeno após as primeiras relações sexuais. Seu investimento libidinal passará, então, do clitóris para a vagina, através da penetração. Neste momento, o clitóris delega ao pênis seu papel ativo e a vagina assume seu papel sexual.

Em 1925, Hélène Deutsch admitia que a atividade orgástica da vagina seria equivalente ao pênis e, que a identificação funcional da vagina ao pênis, permitiria a superação do "complexo de castração" e dos traumas decorrentes do desmame. O parto permitiria a superação do trauma da nascimento. O "tornar-se mulher" está associado ao abandono da primazia do clitóris, substituído pela vagina. O parto seria o maior prazer orgástico da mulher, sendo o filho a maior gratificação erótica, representando a encarnação do "ideal do ego".

A capacidade de sublimação masculina é expressa através de realizações sociais e intelectuais, enquanto a mulher sublima através do filho. A amamentação serve também de suporte para a superação do "trauma de desmame" na mulher. A feminilidade é delimitada pela tríade: castração-estrupe-parto. A feminilidade associa-se à capacidade de reproduzir e, quando a mulher vive o "Édipo" com a figura paterna, alimenta a fantasia de ser castrada, violada e gerar um filho deste.

O masoquismo feminino é a base da frigidez, mas muitas mulheres frígidas conseguem ser felizes, porque a maternidade seria sua maior gratificação. Extrapolando as idéias de Hélène Deutsch para uma psicologia da menopausa pode-se concluir:

- a) Esta etapa é efetivamente um período crítico da vida feminina, porque a mulher perde sua maior possibilidade de realização: a maternidade.

b) Se a mulher sublima através da maternidade e esta é a sua maior fonte de prazer, então, as mulheres que tiverem filhos, poderão ter alguma espécie de compensação neste período através de filhos e netos.

c) As mulheres estéreis ou que não geraram, provavelmente, estarão excluídas da possibilidade de superação dos traumas decorrentes de seu sexo.

3 - FENOMENOLOGIA E EXISTENCIALISMO

O fenômeno estudado é o de mulheres na menopausa. Em seus relatos sobre o presente, perpassados por recordações do passado, revela-se uma existência, na qual, a feminilidade negada desde a infância, tem esta negação legitimada pela perda das funções reprodutivas. A Fenomenologia busca o fenômeno, que comporta a experiência, a compreensão e o testemunho do que é dado e experienciado:

"La Phénoménologie cherche le phénomène; qu'est-ce que le phénomène? C'est ce qui se montre. Ceci comporte une triple affirmation: 1º il y a quelque chose, 2º cette chose se montre, 3º c'est un phénomène par le fait même que cela se montre. "
(Van Der Leuw, 1970, p.654)

As entrevistadas serão consideradas como "seres no mundo", não sendo encerradas em um contexto teórico determinista. O objetivo não é interrogar, mas escutar, para se chegar à essência do fenômeno estudado: "avivência da menopausa". A redução eidética procura o dado imediato, que leva ao "eidos" (essência). Existe um "eidos" (essência) invariável, mas as essências comportam também variações materiais e regionais:

"Podemos pois distinguir hierarquicamente a partir do empírico: 1) as essências materiais (a do vestiário, por exemplo) estudadas por ontologias ou ciências eidéticas materiais; 2) essências regionais (objeto cultural) coroando as precedentes e explicitadas por eidéticas regionais; 3) a essência do objeto em geral, segundo a definição dada precedentemente, cujo estudo é feito por uma ontologia formal."
(Lyotard, 1967,p.18)

O "ser mulher" é um dado biológico, um "eidos" invariável, mas é também um dado cultural, o que nos coloca diante de uma Psicologia em constante transformação e interrogação, por ser consequência de dados que se entrelaçam em constante movimento, trazendo variações, que permitem que u'a mulher seja um existente mudo e passivo, ou então, um e-

xistente que participa das transformações de sua comunidade. Algumas se consideram "à espera da morte", outras se atiram vigorosamente a novas experiências.

O Método Fenomenológico pressupõe uma "atitude natural", que é o encontro com o mundo e a aceitação natural de sua existência. O mundo é percebido pelo existente, mas esta percepção não o esgota, porque se estende em um horizonte de passado e futuro, conhecido e desconhecido. O relato da existência das mulheres, que serão entrevistadas, abrange a menopausa, mas não esgota o fenômeno, porque, muito do que foi vivido, pode ter-se transformado sob o impacto de novas experiências. A mulher de trinta anos pode estar falando ainda no discurso de u'a mulher de sessenta, embora seus sentimentos possam ter outra intensidade, carregam tudo o que foram, mas este "ter sido" é vínculo com o passado e o "existir" é a possibilidade de movimento e transformação.

A "Intersubjetividade" pressupõe uma pluralidade de consciências, um encontro e um intercâmbio, que transformam a consciência do mundo em um fenômeno intersubjetivo. A vivência da feminilidade não é um fenômeno puramente individual, mas também um intercâmbio de experiências. A menina se contempla mulher no corpo da mãe e exerce a sua sexualidade no contato com o parceiro sexual. Mente o corpo, troca experiência, fala do corpo. Existe, efetivamente, um encontro e um intercâmbio constantes no exercício da feminilidade.

A verdade se experimenta sempre e exclusivamente em uma experiência atual. A verdade é revisão, correção e superação dela mesma em uma operação dialética contínua. A verdade é movimento. O pesquisador frequente, seguindo uma ótica fenomenológica, um mundo de experiências vividas, legitimado pela evidência do "existir imediato" de um ser no mundo.

Repensando-se o Existencialismo, chega-se à existência do homem, que se afirma em sua liberdade, quando confrontado com o "não ser". Compreender nossas entrevistadas significa considerá-las como mulheres a quem acontecem experiências, ou seja, aquele que vive é o experimentador. A "épouqué" (redução fenomenológica) coloca o mundo "entre parêntesis",

abstendo-se de um saber inviolável. A redução fenomenológica traz uma constante interrogação e um inacabamento essencial, que nos leva a não encerrar o discurso de cada mulher dentro de reduções teóricas deterministas, que definem seu comportamento como determinado por verdades imunes ao tempo e à cultura. O enfoque fenomenológico-existencial do presente trabalho considera o ser humano como "em transformação" e, consequentemente, a menopausa como uma etapa de passagem e transformação, para um indivíduo que pode vir a ser livre e capaz de criar um destino próprio.

O Existencialismo prende-se à urgência de se conhecer o homem e não o mundo e a lei das idéias. Não é um saber que se pretende racional, mas um saber que procura o sujeito, o qual dá cor e vida ao mundo. É a filosofia da existência, que afirma o existente, como aquele que conhece. Não existe o conhecimento sem a existência daquele que o cria. O homem é um ser em transformação, procura, em grande parte de sua existência, refugiar-se da angústia de morrer. Para os existencialistas, a consciência da morte é libertadora, porque descobre os véus que separam o existente do seu destino. Ao se estudar a menopausa, que é uma etapa existencial temida por grande contingente de mulheres, pretende-se superar o desconhecido, através do depoimento das que a vivem, como viverão outras etapas, em movimento contínuo, que só se encerra com a morte.

A essência do pensamento existencialista é a concepção da existência como "ato livre", em um "vir a ser contínuo." A menopausa poderá vir a ser compreendida como uma fase diferente no contexto feminino. É inegável a atrofia da genitália feminina, durante e após a menopausa. Não se pode ignorar alterações de ordem afetiva e social. Pode-se, no entanto, considerar-se que tais transformações podem criar, sem se abstrair do seu passado, um novo ser não mais vinculado às funções reprodutivas, mas plenamente capacitado para participar da sociedade na qual vive, se o tema for discutido sem os véus que o envolvem, tanto por aquelas que o experimentam, como por aquelas que o temem.

O que é a menopausa para as mulheres entrevistadas? A questão pro

posta a cada uma delas é: "Como vocês vivem ou viveram a menopausa?" O procedimento envolve a realização de entrevistas não dirigidas, tomando a menopausa como ponto de partida. As mulheres entrevistadas serão escolhidas considerando-se sua faixa etária (50 a 60 anos), sua moradia (Belo Horizonte) e seu nível sócio-econômico (renda familiar acima de dez salários mínimos).

Qual o significado da menopausa para cada uma delas, considerando estes dados e, também, o fato de terem tido formas aparentemente diferentes de experimentarem a vida e atividades profissionais diversificadas?

A pesquisadora apresentou-se como psicóloga pós-graduanda, perguntando às entrevistadas se estariam disponíveis para cooperar com uma pesquisa sobre menopausa. Era esclarecido que os depoimentos seriam sigilosos e, conseqüentemente, o seu registro na tese não as identificaria.

Houve recusas, ao todo 20(vinte) recusas. Alegou-se que era um tema íntimo e difícil; algumas mulheres ativeram-se unicamente à recusa, sem justificá-la. Decidiu-se considerar e aceitar o fenômeno da recusa como um dado que demonstra a dificuldade em se abordar o tema. Procurou-se diversificar as entrevistadas por suas atividades e, devido à dificuldade do tema, a seleção das mesmas não pode ser feita por meio de recrutamento aberto.

A pesquisa teve que prender-se às limitações que o tema parecia oferecer às mulheres consultadas e, portanto, contar com um recrutamento mais restrito. Pedimos a colaboração de mulheres que atendessem aos requisitos de faixa etária, moradia e nível sócio-econômico. Quando assentia-se em colaborar com a pesquisa, colocava-se uma única questão: "Como voce experimentou a vivência da menopausa?"

A entrevistada desenvolvia o tema dentro da sua própria dinâmica, sem ser interrompida pela entrevistadora. As entrevistas eram gravadas e havia conhecimento por parte das mulheres deste fato.

4 - RELATOS

Entrevistada A:

(cinquenta e nove anos, viúva, dois filhos, funcionária pública federal, cursando o sétimo período do Curso de Direito)

Sobre a saúde: "Tenho dores de cabeça desde criança, acho que foi por causa de um tombo que levei em criança, mamãe estava me levando para batizar e levou um tombo, ela caiu em cima de mim, eu tinha dois meses, o médico ajeitou a minha cabeça com gelo (ri). Quando eu tenho dor de cabeça, eu me fecho no quarto e não quero ver ninguém. Já fiz uma série de exames, não deu nada. Logo que meu marido morreu, eu tive uma série de coisas, fiz operação de vesícula, tive taquicardia, foi uma fase muito dura, porque eu estava apertada com a falta de dinheiro e com dois filhos para criar."

O casamento: "Eu casei com quarenta anos, meu marido era italiano, ele foi muito bom para mim, quando ele morreu eu perdi a coragem, só continuei a viver, porque eu tinha dois filhos para criar. Foi muito difícil, eu queria ficar em casa com meus filhos, mas tinha que sair, eu sempre fui muito independente, mas nunca precisei tanto de alguém, de amigos, da família, mas esta cidade é muito dura, me peguei com Jesusinho."

O Trabalho: "Terminei dois namoros firmes, porque era muito independente, eu fiz concurso com dezoito anos, passei em primeiro lugar, eu era normalista, trabalhei antes, durante dois anos, como professora primária, cheguei a escrever um livro para criança. Sempre gostei de trabalhar, só tirei licença para ter meus filhos e quase desanimei quando meu marido morreu, mas depois passou, eu precisava muito de dinheiro. Eu fiz um concurso tem dois anos, gostei de mudar e ganho muito mais também (ri), passei todo mundo para traz."

Os filhos: "Eu vivo para os meus filhos, um já está na universidade, ele está fazendo medicina, o outro é meio malandro, mas eu quero que ele forme, você vê, eu mesma estou estudando, porque ainda vou ser doutora (ri)

A Menopausa: "Menopausa? não sei direito não, eu tive uma série de coisas, mas coincidiu com a morte do meu marido, eu não sei não, eu vivia

em médico, do médico para o trabalho, do trabalho para a casa, eu vivia e vivo sem empregada, não sei como eu consigo, é difícil falar, não deu para prestar atenção, eu vivia na pendura, era danado."

Entrevistada B:

(cinquenta e seis anos, solteira, vive com a mãe, professora universitária)

O trabalho: "Eu vivo tentando me dar bem com meus alunos, mas estes moços parecem não querer estudar nada, eu tento compreender, mas está difícil, eu vou aposentar e não estou entendendo mais nada (ri), ainda bem que eu estou aposentando, a batata quente vai ficar para vocês que são jovens."

A saúde: "Eu tenho problema de coluna, é a única coisa que eu tenho, mas quando as dores chegam, eu tenho que ficar em casa mesmo, os alunos não entendem, acham que eu sou infrequente, é difícil ficar velha (ri), ninguém entende direito, dá até raiva, eu já fui muito ativa, eu viajava, subia o pico, você se lembra quando a gente subia o pico, é antes da MBR, agora não dá mais, eles estão acabando com as montanhas, mas mesmo se desse, eu não podia ir mesmo né? Já pensou se eu ficasse atacada lá, que loucura? "

A família: "Moro com minha mãe, gosto dela, as vezes dá medo dela morrer e eu ficar sozinha, mas eu me dou muito bem com meus irmãos e cunhadas, não vou viver com eles não, mas eu tenho eles, meus sobrinhos gostam muito de mim "

Sexualidade: "Eu ainda sou dos velhos tempos, acho que a mulher é que saiu perdendo com essa vida de agora, casar virgem era uma proteção, se você soubesse o tanto de aluna minha que já fez aborto, a mulher é que sofre mais, nessa hora, o homem dá no pé mesmo, é como você diz, segura que o filho é seu, não me arrependo de não ter transado como eles dizem, pelo menos eu não passei pelo que estas moças passaram, tinha mais romance."

Menopausa: "Foi um período sem problemas, meu problema mesmo é a coluna, depois eu sou muito metódica, fui à minha ginecologista, fiquei meio deprimida, tive umas taquicardias, mas é só isso mesmo, nem entendo porque

você está estudando esse negócio, que isso menina? você é jovem, bonita, que tema mais besta."

Entrevistada C: (cinquenta anos, solteira, mora sozinha, professora universitária, escritora)

Trabalho: "Entre os livros e a família, eu escolhi os livros, gosto de ler, de escrever, ando é meio cansada de dar aula, com esse negócio de vestibular único, a moçada deixou de estudar português, você vê, eu sou professora de Literatura Portuguesa na Universidade, pego o pessoal no sexto período, mesmo assim é uma tristeza, é foga ler as provas, o pessoal não sabe interpretar o texto, não sabe escrever direito, eu fico desanimada e olha que eu já dei aula no ginásial, gosto mesmo é de escrever, mas no Brasil ser escritor não dá dinheiro, preciso do dinheiro que eu ganho."

Sexualidade: "Fui mulher falada né? Eu tive um caso com um homem bem mais velho que eu, eu tinha vinte e quatro anos, foi há vinte e seis anos, já pensou? Já fiz aborto, já passei por tudo, já gostei, já desgostei, fiquei até meio filósofa, só tive uma relação boa mesmo, foi na Europa, quando eu morei lá para fazer doutorado, foi com um engenheiro, o europeu é bem diferente do brasileiro, ele era casado e eu tinha que voltar mesmo, acabou, tenho medo de ficar sozinha, mas foi o que eu quiz né? Ou será, como o pessoal diz, que foi o que eu procurei?"

A cidade: "Não gosto desta cidade, eu me sinto meio enterrada, depois é difícil envelhecer no mesmo lugar, você vê tudo mudar, você mesmo foi mi nha aluna na 1ª série ginásial e hoje é professora da Universidade, a gente sente que passou (ri). Não gosto de Belo Horizonte, mas acabo sempre voltando, é que nem Fernando Pessoa diz : eu sou aquele que quer sempre partir e acaba sempre ficando".

A menopausa: "As minhas regras estão desaparecendo agora, estão ficando espaçadas, da última vez eu tive 10 dias, agora tem quarenta dias que não vem, ainda bem que eu não estou tendo relações sexuais com ninguém, eu ficar pensando que estou na menopausa e grávida (ri), é uma cô

sa meio engraçada, quer saber a verdade? Estou morrendo de medo de ficar feia, de ficar fria sexualmente, de ficar sozinha, não dá mesmo não, quando se tem vinte e quatro anos é mais fácil ficar sozinha, fazer aborto, agora dá a impressão que é até morrer, tenho tido vontade de fazer plástica, tenho usado um tanto de creme, mas eu acho que não adianta mesmo, eu estou é envelhecendo."

Entrevistada D: (sessenta anos, professora universitária, escritora e pesquisadora, casada, quatro filhos, seis netos)

Família: "Sou filha adotada, meus pais morreram eu tinha cinco anos, eles viviam relativamente bem, passei de rica para pobre, estudei com dificuldade, lutei muito, casei nova e me decepioneicedo com o casamento, decidi tocar para frente e ser feliz assim mesmo, lutei muito, mas estu dei e criei minha família, eu tenho hoje a família que eu não tive, acho que quem tem um pai e uma mãe não sabe o que tem, eu posso falar de cadeira, sei o que é não ter pai e mãe, embora minha mãe adotiva tenha sido muito boa para mim, honra seja feita."

Filhos: "São a melhor coisa da minha vida, toda mulher deve ter filhos, quem não tem ou não teve, perdeu muita coisa, foi o que valeu no meu casamento, o que sempre me deu força, gosto do domingo, quando meus netos vão para minha casa, eu fico alegre com a casa cheia, a maternidade me deu tudo que o casamento não me deu."

Trabalho: " Gosto de trabalhar, já sou aposentada, mas continuo a trabalhar, vai ser difícil parar, trabalhei com a Helena Antipoff, aquela mulher era admirável, era um exemplo, mas no Brasil as pessoas esquecem das coisas muito cedo, já se esqueceram dela , queriam até acabar com uma parte da Fazenda do Rosário, você se lembra? Eu, quando aposentar vou continuar a escrever, pesquisar, acho que só paro de trabalhar quando eu morrer, é uma coisa que me realiza muito."

Menopausa: "Foi uma época incômoda, eu fui ao médico e tal, mas é sempre difícil, de qualquer forma, é bom ficar livre da menstruação, oh coisa chata, eu já não tinha mais nada com o meu marido, o lado estético é

meio chato, a gente engorda, acho que são os hormônios que eu tive que tomar, eu fiz uma plástica na barriga, faço regime, mas ainda estou meio gorda."

Entrevistada E: (cinquenta e quatro anos, três filhos, casada, psicóloga e dona de uma Clínica de psicologia)

Trabalho: "Estou terminando a formação analítica do Círculo de Psicanálise, tenho estudado muito, tenho dia que eu olho para a minha agenda e acho que não vou dar conta de tudo, acabo dando conta de tudo, tenho uma saúde muito boa e sou muito metódica, atendo cliente, vou para os meus cursos, apresento trabalhos, o que ajuda é que meus filhos já estão formados e casados e meu marido exerce a mesma profissão minha, o que o que torna as coisas mais fáceis."

Maternidade: "Foi um período difícil o das minhas gestações, porque eu estava sempre envolvida com concursos, trabalhos, teses, situações sociais intransferíveis, era difícil mesmo, lembro de uma vez que eu tive filho e, vinte dias depois, fui fazer uma concurso para professora assistente na Universidade."

Sexualidade: "Não me nego a falar sobre o assunto, embora o assunto se ja delicado, eu me casei virgem, embora não seja defensora da virgindade, mas na minha época, era difícil escapar, minha adaptação foi lenta, mas meu marido era e é uma pessoa calma e muito aberto quanto à sexualidade, foi uma área que me deu muito prazer, hoje eu só lamento não ter tido muito tempo para os meus filhos, acho que eles me cobram isto."

Menopausa: "Tive muita pena, não tive muitos problemas físicos, mas, de repente, a idéia de não poder ter mais filhos me doeu, eu tinha tido meu último filho com 35 anos, mas a idéia de perder a capacidade de procriar não foi muito agradável não, acho que isto é que marcou a minha menopausa: não poder gerar, embora eu já tivesse renunciado a maternidade há quinze anos. Vou submeter-me a à histerectomia, porque o meu útero está apresentando uma formação cancerígena, mas não estou tomando antidepressivos, tomei mesmo foi na época da menopausa, engraçado eu agora estou com uma doença grave e isto não me deprime tanto quanto a

impossibilidade de gerar."

Entrevistada F: (cinquenta e sete anos, dona de casa, curso normal completo, casada, cinco filhos, um neto)

A casa: " Olha o jardim, parece engraçado que a minha casa seja a última casa que não é prédio ou casa comercial nesta rua, quando eu era pequena esta rua só tinha moradores, eu me criei aqui, acabei ficando depois que eu casei, eu gosto desta casa, acho que só vou sair depois de morta como minha mãe; meu marido e meus filhos vivem querendo me convencer a vender ou alugar, porque é ponto nobre, eu poderia vender caro ou alugar, mas eu não quero, porque depois eu não ia conseguir voltar mais aqui vendo minha casa transformada em um prédio de apartamento ou em uma dessas casas comerciais cheias de placas, e as minhas dâlias, já pensou? Sabe que no fundo da casa eu tenho galinheiro, pombo, uma laranjeira e umas gaiolas de passarinho? Belo Horizonte mudou muito, às vezes eu vou a missa e não conheço mais ninguém, antigamente a gente conhecia até os padres, hoje cada hora é um padre que celebra a missa no Colégio Arnaldo, acho que eu não posso perder minha casa não, é por isso que eu cuido tanto dela, todo ano eu pinto, faço umas reformas, sabe que os meus móveis foram da minha mãe, eu mudei alguns, mas a maioria está aí firme, eu não vou perder esta casa não sabe?"

Casamento: "Não tenho muito a falar não, eu e meu marido moramos na mesma casa, mas dormimos em quartos separados há vinte e um anos, desde o nascimento de minha última filha, a gente se tolera, acho chato falar sobre isso, prefiro parar por aqui, não sei porque eu falei se você não me perguntou, você quer que eu fale é sobre a menopausa não é?"

Filhos: "Acho que fracassei com meus filhos, minha filha mais velha formou-se e foi para o Rio fazer pós-graduação, nunca mais voltou, preferiu ficar por lá, dizem que ela é muito inteligente, ela é engenheira, tem doutorado, é muito bem empregada, vive viajando por todo o mun

do, mas eu preferia mesmo que ela estivesse aqui comigo, casada e com filhos, as outras estão seguindo o mesmo caminho, uma fez engenharia e a outra está fazendo também, acho que não vou ver minhas filhas casadas não, eu me sinto muito fracassada nisto, meu filho casado me arrumou uma nora que eu vou te contar, cada dia eu me sinto mais sozinha."

Menopausa: "Era sobre isto que você queria que eu falasse né? Foi uma época difícil, tive problema de pressão, perdi o sono e tive que tomar remédio para dormir, eu vivia nervosa e meus filhos não me entendiam muito e viviam me chamando de ranzinza, passou, graças a Deus passou, mas eu tenho muita mágoa, porque eu sempre tive que aguentar as doenças dos meus filhos e eles não aguentaram a minha."

Entrevistada G: (Cinquenta e oito anos, casada, dois filhos, formou-se no Conservatório de música, dá aulas particular de piano emcasa)

Estudo: " Eu me formei no Conservatório de Música, eu queria ser pianista, comecei a estudar piano aos sete anos, sempre tive jeito, mas sabe como é, na minha época a gente casava e tinha que ficar em casa mesmo, tem hora que eu me arrependo, mas não dá mais para voltar, já preparei muita moça para o Conservatório, aqui em casa eu faço tudo, não tenho empregada não, sou dona de casa mesmo."

Casamento: "Eu me casei muito nova, sempre gostei muito do Zé, desde moçinha, foi meu único namorado, a gente lutou muito para ter o que a gente tem, mas Graças a Deus a gente tá aí com os filhos criados, o menino tem muito jeito para música, formou em violino, ele tocou na Orquestra de Campinas, meu marido toca violoncelo, a gente se dá muito bem, também pudera, 37 anos de casado, sempre junto só podia ser porque a gense gosta mesmo, ele tem as manias dele, eu tenho as minhas (ri), eu tenho um gênio que você não imagina, só o Zé para me aguentar mesmo."

Filhos: " O meu filho tem me dado muita alegria, muita preocupação tambem, ele já tocou em Orquestra, mas viver de música não dá mesmo, ele é advogado e acabou voltando e é advogado de Banco agora, ele me deu um neto que deixa eu e o Zé cheios de vida, a menina é aquele estrupí-

cio, formou em Biblioteconomia, mas não tem emprego não, 31 anos sem emprego, vive trancada no quarto, não ajuda em nada, nem em casa, nem namorar, ela namora mais, já perdi a esperança, ter filho é isso mesmo, a gente se sacrifica, luta e acaba se decepcionando muito."

Menopausa: "Olha, eu sempre fui muito doente, vivo com dor no corpo, já tirei útero, já tirei um seio, eu não posso falar em menopausa direito, porque eu tive menopausa diferente das outras mulheres, minha menopausa foi antes, logo depois que eu fiz a operação as minhas regras não vieram mais, eu não fiquei muito triste não, eu já tinha quarenta e quatro anos, não ia mais ter filho mesmo, fique chateada foi de engordar tanto, não adianta fazer regime não, eu engordei 18 quilos daquela época para cá, eu acho que eu não posso dar muita informação mesmo não né?"

Entrevistada H: (Sessenta anos, casada, dois filhos, duas netas, dona de casa)

Filhos e netos: (estava com uma neta nos braços, quando recebeu a entrevistadora) " Eu agora sou avó, a mãe dessa menina me deu muito trabalho hoje eu estou aqui com a filha dela, ela não sabe ser mãe não, eu amamentava meus filhos até quase um ano, essa minha neta aqui foi amamentada um mês e olhe lá, a outra está indo pelo mesmo caminho, não entendo muito não, na minha época, a gente vivia a gravidez como uma graça de Deus, mas hoje está tudo mudado mesmo, meus filhos me deram muito trabalho, não sei se valeu a pena não, valeu foi o meu marido e os netos."

Casamento: "O início não foi fácil não, a gente era muito diferente, depois a gente foi se ajeitando, ainda está para nascer uma casa igual a minha, meu marido me dá todo o conforto do mundo, eu também não fico atrás, dou muito amor para ele, você vê, a gente tem 36 anos de casado e até hoje dorme junto na mesma cama e com muito prazer (ri) até roncar, a gente ronca junto, minha filha antes de casar é que ria muito, mas é isso mesmo, a gente vai vivendo junto e acaba ficando igual mesmo, eu queria é morrer primeiro, eu acho que não ia aguentar ficar sem ele mesmo."

A casa: "Eu gosto muito da minha casa, cada móvel que está aqui foi comprado com muito esforço, antes eu morava em Santa Tereza, bairro de pobre né? Hoje quando eu volto lá não conheço mais nada, a minha casa daquela época já nem existe mais, dá até tristeza, por isso eu não volto mais lá, prefiro ficar aqui no meu canto."

A menopausa: " Não fui a médico, nem liguei, também eu não tive muito problema não, eu sou daquelas mulheres que nunca teve cólica, meus partos sempre foram normais e olha que eu casei com 33 anos, não sei falar muito sobre a menopausa não, é igual a tudo na vida da mulher, a gente vive bem, se viver o resto bem."

Entrevistada I: (cinquenta e dois anos, solteira, vive sozinha com a empregada, sustenta-se com o aluguel de duas casas que a mãe lhe deixou)

Viagens: "Acabei de voltar de uma excursão ao Sul (ri), não gosto de ficar parada, vivo viajando, pelo menos duas vezes por anos eu estou fora, às vezes eu fico seis meses que nem a última vez que eu fui à Europa, adoro aquilo lá, se pudesse eu morava lá, se bem que eu não queria morar em lugar nenhum, acaba ficando chato, o bom mesmo é estar sempre em movimento."

Sexualidade: "As moças de hoje são um problema, Deus me livre se eu tivesse casado, já pensou eu pensando que minha filha não era mais virgem? Não sei não, olha que eu namorei, mas com muito respeito, hoje na segunda semana já estão passando a noite juntos, eu não dava para essas coisas não, prefiro viver a minha vida assim, não ia aguentar um homem mesmo, homem é um bicho muito porco, outro dia eu tive que mandar uma empregada de 16 anos de volta para casa, estava grávida, eu é que não ia ficar com ela, eu avisei, fez, agora aguenta."

Trabalho: "nunca trabalhei, minha mãe me deixou em uma ótima situação financeira e eu sou muito controlada, só gasto o que posso, fiz o Normal, mas não precisei trabalhar graças a Deus."

Menopausa: "Deu um problema, porque eu engordei muito, mas foi só, mas eu vou fazer regime, até gostei, eu já estava cheia de ficar de regra, aquilo é uma porcaria, quando eu era adolescente tinha que lavar minhas

toalhinhas escondido do meu pai, não me adaptei a Modess, continuei a usar toalhinha, um horror, dizem que as moças de hoje usam tampão, é o tal de OB, era só o que faltava, ninguém mais deve ser virgem, se não como é que podia enfiar aquilo né? Agora pode ficar tranquila, se existe uma pessoa satisfeita com a menopausa sou eu, só estou preocupada porque vou ter que fazer uma operação de fibroma, mas parece que é necessário né? Tomara que não seja nada."

Entrevistada J: (Bibliotecária, cinquenta e nove anos, aposenta-se no próximo ano, vive com uma irmã viúva e três sobrinhos)

Trabalho: "Não gosto disso aqui não, já estou de saco cheio desse pessoal, desses livros empoeirados, vivo brigando com os alunos, até os professores atrasam para entregar os livros, ainda bem que vou aposentar, só trabalhei porque tinha que me sustentar e como eu não me casei, o jeito foi aguentar, mas ano que vem eu estou dando uma banana para isso aqui, ganho muito pouco, mas vai dar para me sustentar)

Família: "A gente aguenta né? Tem hora que eu tinha vontade de ter minha casa, mas não posso, minha irmã tem uma boa situação financeira e eu posso morar bem, comer bem, se eu morasse sozinha não ia poder né? Então a gente vai aguentando, eu tenho um sobrinho que gosta muito de mim, eu me sinto meio mãe dele, é o que vale."

Casamento: "Namorei nove anos, bem que eu quise casar, mas o danado me deixou por outra, a outra era rica, médico antigamente, sabe como é, queria mesmo é casar com filha de fazendeiro, não quero mais nada não, quero é viver em paz

Menopausa: "Oh menina eu: lá sei falar sobre isso? Eu nem tive tempo de saber disso, eu estava trabalhando muito, não deu mesmo para saber, nem ao médico eu fui, também mulher casada é que precisa ir, mulher solteira e virgem (ri) não precisa dessas coisas não, está satisfeita?"

Entrevistada K: (Professora primária, solteira, mora com a irmã casada, cinquenta anos)

Política: "minha vida sempre foi apolítica, agora eu estou entrando pa-

ra o PMDB, é o que eu gosto, já fiz comício em caminhão.

Trabalho: "Vida de professora é muito sacrificada, por isso é que eu me meti dom política, vivi sempre revoltada com o salário que a gente ganha. Eu até que gostava de dar aula, o difícil era aguentar aquelas diretoras autoritárias e aquelas orientadoras burrras feito l porta, não é fácil ser professora não, o governo é esse que tá aí, que se pode fazer? Agora eu vivo mais é para defender a classe, abandonei a política da antiga Arena, o negócio é ser da oposição mesmo."

Sexualidade: "Não sou virgem não, bem que eu gosto de homem, mas agora eu não tenho mais nada fixo não, não é que eu não queira não, é que os homens gostam de mulheres mais novas, a gente tem que aceitar que está velha, mas quando eu era nova (ri) eu aproveitei, não deixei para a terra comer não."

Menopausa: "Complicado, porque que você quer saber sobre menopausa, é melhor você viver ela antes, como você pode compreender o que que eu estou sentindo, se você é jovem, não quero falar não, isto me chateia, só posso dizer para você, que é muito chato mesmo, o resto é fantasia."

Entrevistada L: (Cinquenta anos, secretária, casada, dois filhos, trabalha em uma Corretora)

Trabalho: "Só trabalho aqui, porque não pude estudar, mas sou boa datilógrafa e eles precisam de mim, tem dia que eu tenho vontade de mandar tudo para o ar, até que eu podia, porque a pensão da minha mãe, meu pai era Coronel do Exército, dava para a gente viver bem, mas aguentar a casa, meu marido aposentado e meus filhos enche, prefiro ficar aqui, tem hora que distrai."

Casamento: "Meu marido é bem mais velho do que eu, ele tem 66 anos, casei para não ficar solteira, mas casamento é um saco, nem gosto de falar sobre o assunto, nem meus filhos valem a pena, adolescente é fogoso."

Menopausa: "Estou passando por ela agora, está até engraçado, porque eu não estou sentindo muita coisa não, não sei o que falar, não tem nada de especial não."

Sexualidade : "Meu marido brochou há muito tempo, já tive um amante, mas esse negócio de orgasmo eu nem soube o que é, deve ser porque os

meus homens sempre foram uns velhos muito chatos, agora o meu caso pelo menos passeava comigo, avidaera mais divertida."

Entrevistada M: (Cinquenta e um anos, secretária, solteira, mora sozinha)

Saúde: "Já estive nervosa três vezes, tive que ir pro Santa Clara mesmo, eu tomava remédio, choque e aí passava, eu voltava para casa aí começava a trabalhar, ficava sozinha de novo, eu não tenho ninguém, começava tudo de novo, eu ainda vou voltar lá muitas vezes, eu sei disso."

Casamento: "Fui noiva seis anos, o desgraçado medeixou e eu fiquei sozinha, foi muito triste, eu queria era morrer, mas não morri não, estou aí me arrastando, trabalhando, o bom é que eu tenho apartamento próprio, tenho o aluguel de outro e tenho o meu salário."

Família: "Não tenho pai nem mãe, sou filha única, eu me dou um pouco mais é com uma prima, mas é só, eu sou é sozinha mesmo, sozinha e meio doida mesmo."

Menopausa: "Eu não tive menopausa ainda, acho meio estranho, mas eu continuo tendo as regras ainda, minha médica diz que eu já estou na menopausa, porque as hemorragias que eu estou tendo são próprias da menopausa, mas eu nem sei, ela é quem sabe."

Entrevistada N (cinquenta e quatro anos, desquitada, funcionária da Secretária de Educação, dois filhos)

Sexualidade: "Adoro fazer sexo, sou boa de cama, modétia a parte, o meu cara é 15 anos mais novo que eu, mas eu duvido que ele arrume uma mulher melhor que eu, vai arrumar porque eu sou velha e homem é muito burro, tá sempre procurando uma mocinha idiota. Já fiz dois abortos, mas eu não queria mesmo, um foi ruim, foi com aquela médica açougueira que está respondendo processo, mas o outro não, o outro eu fiz no Rio."

Trabalho: "Isso aqui é um ambiente de fofoca, eu continuo, porque preciso e daqui a pouco eu aposento, mas eu venho, assino o ponto

faço alguma coisa e me mando."

Casamento: "Eu me casei muito nova, estava grávida e tinha que dar uma satisfação para a minha família, mas a gente viveu junto oito anos e eu é que resolvi me mandar."

Menopausa: "É fogo, fiquei deprimida, tomei Valium, chorava muito, tinha um medo danado de ficar feia, de homem nenhum me querer mais, ainda tenho, mas agora eu sei que eu ainda continuo boa de cama, não quero saber mais de amor, isso é para vocês que são moças (ri) eu quero é continuar a trepar mesmo."

5.- ANÁLISE DOS RELATOS E CONCLUSÕES

5.1 - Análise dos relatos

Entrevistada A:

Observa-se no relato da entrevistada A que a menopausa não foi mencionada como um período "especialmente" vivido, mas coincidente com dificuldades afetivas (morte do marido) e sócio-econômicas. Ela menciona operações, falta de dinheiro e preocupações com os filhos para criar. O fenômeno da menopausa mescla-se a uma existência conturbada e parece evidenciar uma reflexão pouco aprofundada sobre a feminilidade. Menopausa parece ser sinônimo de múltiplas perdas e dificuldades nas quais se observa que a cidade -Belo Horizonte- na qual construiu sua vida é caracterizada por uma certa dureza e ausência de amigos.

"Foi muito difícil, eu queria ficar em casa com meus filhos mas tinha que sair, eu sempre fui muito independente, mas nunca precisei tanto de alguém, de amigos, da família, mas esta cidade é muito dura, me peguei com Jesusinho." (pg.26)

Retomando a reflexão sobre a feminilidade, destaca-se que foi o último tema abordado pela entrevistada, embora tenha sido a primeira questão proposta. Fazendo-se uma releitura do seu relato temos como dados constantes a doença do corpo, cujo sintoma constante é a dor de cabeça e a preocupação com o trabalho e o dinheiro. O depoimento sobre a menopausa restringe-se a cinco linhas-:

"Menopausa? Não sei direito não, eu tive uma série de coisas, mas coincidiu com a morte do meu marido, eu não sei não, eu vivia em médico, do médico para o trabalho, do trabalho para a casa, eu vivia e vivo sem empregada, não sei como eu consigo, é difícil falar, não deu para prestar atenção, eu vivia na pindura, era danado." (pp.26/27)

Entrevistada B:

A entrevistada B colocou seu distanciamento com os alunos, particularmente com as mulheres jovens, nas quais a sexualidade é vista por ela como fonte de sofrimento.

"Eu ainda sou dos velhos tempos, acho que a mulher é que saiu perdendo com essa vida de agora, casar virgem era uma proteção, se voce soubesse o tanto de aluna minha que já teve aborto, a mulher é que sofre mais." (p.27)

A cidade, a família e o ambiente que a circundam são citados como próximos do fim. Colocou-se na introdução o quanto as influências do meio ambiente e de uma época poderiam ter afetado as entrevistadas. Citamos agora o depoimento de uma mulher que devassou as montanhas e sente sua destruição.

"Eu já fui muito ativa, eu viajava, subia o pico, voce se lembra quando a gente subia o pico, era antes da MBR... moro com minha mãe, gosto dela, às vezes dá medo dela morrer e eu ficar sozinha" (p.27)

Existe um sintoma mencionado pela entrevistada -a dor na coluna- observando-se que o corpo feminino na sua interioridade é visível para a ginecologista mas não é penetrado pela entrevistada B que menciona seus sintomas mas não coloca reflexões sobre seu corpo de mulher.

"Foi um período sem problemas, meu problema mesmo é a coluna, depois eu sou muito metódica, fui à minha ginecologista, fiquei meio deprimida, tive umas taquicardias mas é só isso mesmo, nem entendo porque voce está estudando este negócio". (pp.27/28)

Entrevistada C:

A entrevistada C coloca que fez uma opção pela vida intelectual. É uma pessoa que tem uma atividade criadora, tendo escrito três livros que foram bem aceitos pela crítica. Ela mostra uma certa insatisfação quanto ao reconhecimento do seu trabalho e a sexualidade, vivida de forma intensa, é mencionada junto com um sentimento de solidão e ligada à beleza, como forma de ser desejada.

"As minhas regras estão desaparecendo agora, estão ficando espaçadas, da última vez eu tive dez dias, agora tem quarenta dias que não vem, ainda bem que não estou tendo relações sexuais com ninguém, eu ficar pensando que estou na menopausa e grávida, é uma coisa meio engraçada, quer saber a verdade? Estou morrendo de me-

do de ficar feia, de ficar fria sexualmente, de ficar sozinha. Não dá mesmo não, quando se tem vinte e quatro anos é mais fácil ficar sozinha, fazer aborto agora dá impressão que é até morrer, tenho tido vontade de fazer plástica, tenho usado um tanto de creme mas eu acho que não adianta mesmo, que estou envelhecendo." (pp.28/29)

A cidade surge como pano de fundo para este envelhecimento, sente-se na mulher criadora uma idéia de passado, onde as mudanças pelas quais passou a cidade são o espelho, não de suas mudanças, mas de seu envelhecimento.

"Não gosto desta cidade, eu me sinto meio enterrada, depois é difícil envelhecer no mesmo lugar, voce vê tudo mudar, voce mesmo foi minha aluna na primeira série ginásial e hoje é professora da universidade, a gente sente que passou." (p.28)

Entrevistada D:

A entrevistada D coloca a maternidade e o trabalho como fontes de prazer prioritárias em sua existência. As dificuldades afetivas e sexuais são minimizadas pela realização profissional e pelos filhos. O corpo é território do médico, é ele que dá a palavra final. A cidade e o país são mencionados como "sem memória", condenando ao esquecimento prematuro pessoas que participaram intensamente de sua vida intelectual.

"Toda mulher deve ter filhos, quem não tem ou não teve perdeu muita coisa, foi o que valeu no meu casamento ... gosto de trabalhar, já sou aposentada mas continuo a trabalhar, vai ser difícil parar, trabalhei com Helena Antipoff, aquela mulher era admirável, era um exemplo, mas no Brasil as pessoas esquecem as coisas muito cedo, já se esqueceram dela, queriam até acabar com uma parte da Fazenda do Rosário ... a menopausa foi uma época incômoda, eu fui no médico e tal, mas é sempre difícil, de qualquer forma é bom ficar livre da menstruação." (p.29)

Entrevistada E:

A entrevistada E é uma pessoa muito ativa e menciona a maternidade vinculada a uma série de demandas intelectuais das quais hoje se ressent, lamentando em seu relato a dificuldade que suas múltiplas atividades acarretava para a vivência da maternidade. A menopausa é citada como a perda da capa-

cidade de procriar. O fato de não poder ter filhos marca este período para ela e associa-se a um passado vivido, do ponto de vista da feminilidade, de forma pouco reflexiva.

"Foi um período difícil o das minhas gestações, porque eu estava sempre envolvida com concursos, trabalhos, teses, situações sociais intransferíveis ... de repente, a idéia de não poder ter mais filhos me doeu, eu tinha tido o meu último filho aos trinta e cinco anos, mas a idéia de perder a capacidade de procriar não foi muito agradável não, acho que isso é que marcou a minha menopausa: não poder gerar, embora eu já tivesse renunciado à maternidade há quinze anos." (p.30)

O fato de não ter experimentado a maternidade de uma forma menos conturbada, acarretou na entrevistada, durante a menopausa, um retrocesso ao período em que teve seus filhos. A incapacidade de gerar é o fenômeno vivido, mas por ele perpassa um passado e um futuro associado a um carcinoma maligno.

"Vou submeter-me à histerectomia, porque o meu útero está apresentando uma formação cancerígena mas não estou tomando anti-depressivos, tomei mesmo foi na época da menopausa, engraçado, eu agora estou com uma doença grave e isto não me deprime tanto quanto à impossibilidade de gerar." (pp.30/31)

Entrevistada F:

O relato da entrevistada F nos fala de uma cidade que desapareceu e à qual ela se apega no interior de sua casa. Essa casa é continuamente reformada e está rodeada de casas comerciais e prédios de apartamentos. Parece que a entrevistada resiste às mudanças mantendo a casa de pé. Ela fala de Belo Horizonte e relata não conhecer mais ninguém; sua referência é a casa em que mora. O casamento e os filhos parecem tê-la decepcionado e a menopausa foi vivida com mágoa por ter sido uma experiência solitária, não compartilhada com o marido e os filhos. Ela a descreve com uma sintomatologia do adoecer de uma pessoa sozinha.

"Olha o jardim, parece engraçado que a minha casa seja a última casa que não é prédio ou casa comercial nesta rua ... eu gosto des-

ta casa, acho que só vou sair depois de morta, como minha mãe... Belo Horizonte mudou muito, às vezes eu vou à missa e não conheço mais ninguém, antigamente a gente conhecia até os padres, hoje cada hora é um padre que celebra a missa no Colégio Arnaldo, acho que não posso perder minha casa não, é por isso que eu cuido tanto dela, todo ano eu pinto, faço umas reformas ... eu e meu marido moramos na mesma casa, mas dormimos em quartos separados há vinte e um anos, acho chato falar sobre isso, prefiro parar por aqui... Acho que fracassei com meus filhos ... a menopausa foi uma época difícil, tive problema de pressão, perdi o sono e tive que tomar remédio para dormir, eu vivia nervosa e meus filhos não me entendiam muito e viviam me chamando de ranzinza, passou, graças a Deus passou, mas eu tenho muita mágoa porque eu sempre tive que aguentar a doença de meus filhos e eles não aguentaram a minha." (pp.31/32)

Entrevistada G:

A entrevistada G nos fala de seus estudos no Conservatório. Ela coloca que sua opção de vida foi o casamento, tendo abandonado o piano, embora tenha-se formado pelo Conservatório de Música. Fala sobre a menopausa associando-a a uma série de doenças e menciona, que o fato de ter sofrido ablação do útero antes da menopausa, impede que possa fazer um relato do fenômeno como é vivido por outras mulheres.

"Olha, eu sempre fui muito doente, vivo com dor no corpo; já tirei útero, já tirei um seio, eu não posso falar de menopausa direito porque eu tive menopausa diferente das outras mulheres, minha menopausa foi antes, logo depois que fiz as operações as minhas regras não vieram mais." (p.33)

Fazendo-se uma releitura do que foi dito, percebe-se uma grande insatisfação com a filha moça e com o corpo, observando-se que a entrevistada declara-se sempre muito doente. O marido e o filho homem associam-se à música e às alegrias vividas por esta pessoa.

"O menino tem muito jeito para a música, formou em violino, êle tocou na orquestra de Campinas. Meu marido toca violoncelo, a gente se dá muito bem ... meu filho tem me dado muita alegria, muita preocupação também, ele já tocou em orquestra mas viver de música não dá mesmo, ele é advogado ... ele me deu um neto que deixa eu e o Zé cheios de vida, a menina é aquele estrupício, formou em biblioteconomia mas não tem emprego não, trinta e um anos e sem emprego, vive trancada no quarto, não ajuda em nada, nem em casa,

nem namorar ela namora mais, já perdi a esperança." (pp.32/33)

Entrevistada H:

A entrevistada H situa-se na vida como mãe e esposa; a gravidez surge mencionada por ela como uma graça de Deus. O casamento é relatado como uma experiência prazerosa e a casa associa-se à construção de sua vida com o marido. A mudança na configuração geral da cidade é sentida, mas os ganhos que ela parece ter obtido com o casamento e a maternidade fazem com que ela coloque, que as diversas mudanças porque passa um existente, serão vividas em consonância com seu passado, ou seja, o tempo presente e o futuro prendem-se à forma como foi vivido o tempo passado.

"Gosto muito da minha casa, cada móvel que aqui está foi comprado com muito esforço, antes eu morava em Santa Teresa, bairro de pobre né? Hoje quando eu volto lá não conheço mais nada, a minha casa daquela época já nem existe mais ... não fui ao médico na menopausa, nem liguei, também eu não tive muito problema não, eu sou daquelas mulheres que nunca teve cólica, meus partos sempre foram normais e olha que eu casei com trinta anos, não sei falar muito sobre a menopausa não, é igual a tudo na vida da mulher, a gente vive bem se viver o resto bem." (p.34)

Esta entrevistada não se deteve muito no assunto em questão, mas percebe-se em todo o seu discurso que a fertilidade não se associou à doenças ou a perdas.

Entrevistada I-:

A entrevistada I é uma pessoa que não trabalha e seu sustento é garantido pela herança que a mãe lhe deixou. Considera o casamento como uma coisa desagradável, falando de sua dificuldade em passar a noite com um homem. Menciona que o fluxo menstrual é uma coisa suja e a menopausa é vista como um momento tranquilo, no qual pode se libertar do que ela considera incômodo e sujo -a menstruação.

"Não sei não, olha que eu namorei, mas com muito respeito, hoje na segunda semana estão passando a noite juntos, eu não dava para essas coisas não, prefiro viver a minha vida assim, não ia aguentar

um homem mesmo, homem é um bicho muito porco ... a menopausa deu muito problema porque eu engordei muito, mas foi só, mas eu vou fazer regime, até gostei, eu já estava cheia de ficar de regra, aquilo é uma porcária, quando eu era adolescente tinha que lavar as minhas toalhinhas escondida do meu pai, não me adaptei a mo-
dess, continuei a usar toalhinha, um horror, dizem que as moças de hoje usam tampão, era só o que faltava, ninguém mais deve ser virgem, senão como é que podia enfiar aquilo." (pp.34/35)

A entrevistada I viaja constantemente, vivendo a realidade das companhias de turismo, mas parece ignorar seu próprio corpo. Ela conhece as estradas da Europa mas desconhece as entradas de seu aparelho genital. A menstruação citada como suja é um fenômeno incômodo, inclusive pelos recursos higiênicos utilizados por ela (toalhinhas).

Entrevistada J:

É uma bibliotecária que associa o trabalho ao sustento imediato. O fato de não ter casado restringiu a sua existência ao lidar com sobrinhos e com empréstimo de livros. O trabalho surge como alternativa para o casamento abortado e o casamento parece ser um emprego perdido. A feminilidade não aparece como fonte de reflexão, a afetividade se confunde com o sustento e o trabalho não lhe permite pensar a menopausa.

"Não gosto disso aqui não, já estou cheia desses livros empoeirados ... só trabalhei porque tinha que me sustentar e como eu não me casei, o jeito foi me aguentar ... namorei nove anos, bem que eu quis casar, mas o danado me deixou por outra, a outra era rica, médico antigamente sabe como é, queria mesmo era casar com filha de fazendeiro ... eu nem sei falar sobre menopausa, eu nem tive tempo de saber disso, eu estava trabalhando muito, não deu mesmo para saber, nem ao médico eu fui, também mulher casada é que precisa ir, mulher solteira e virgem não precisa dessas coisas não." (p.35)

Entrevistada K:

A entrevistada K é uma professora primária que se coloca como um ser político. Sua sexualidade parece ter sido vivida com maior intensidade na sua juventude. Ela afirma que os homens gostam de mulheres mais novas e que a ausência de uma vida sexual ativa no presente prende-se a este fato. Ela devolve a questão sobre a menopausa com uma outra questão: como alguém po-

de compreender a menopausa se ainda não a viveu. Ela levanta a questão da experiência e parece negar que o fenômeno experimentado por outras pessoas possa ser significante e dar origem a novas questões.

"Agora eu vivo mais é para defender a classe, abandonei a política da antiga Arena, o negócio é ser da oposição mesmo ... não sou virgem não, bem que eu gosto de homem, mas agora eu não tenho mais nada fixo não, não é que eu não queira não, é que os homens gostam de mulheres mais jovens, a gente tem que aceitar que está velha ... por que voce quer saber sobre a menopausa, é melhor voce viver ela antes, como voce pode compreender o que estou sentindo se voce é jovem, não quero falar não, isto me chateia, só posso dizer para voce que é muito chato mesmo, o resto é só fantasia." (p.36)

Entrevistada L:

A entrevistada L mostra-se insatisfeita com o seu trabalho, com marido e com a maternidade. Menciona estar passando pela menopausa e não está sentindo nada. O tópico sexualidade é associado à velhice dos seus parceiros e à ausência de orgasmo. Sua existência é descrita como tediosa e sem fatos relevantes.

"Só trabalho aqui porque não pude estudar ... tem dia que eu tenho vontade de mandar tudo para o ar ... mas aguentar a casa, meu marido aposentado e os filhos enche, prefiro ficar aqui, tem hora que distrai ... meu marido é bem mais velho do que eu, casei para não ficar solteira, mas casamento é um saco, nem meus filhos valem a pena ... estou passando pela menopausa agora, não estou sentindo muita coisa não, não tem nada de especial não ... meu marido brochou há muito tempo; já tive um amante, mas esse negócio de orgasmo eu nem sei o que é, deve ser porque meus homens sempre foram uns velhos muito chatos." (pp.36/37)

Entrevistada M:

A entrevistada M é secretária mas não se situa no trabalho; fala de seus problemas de origem nervosa e de seus sucessivos internamentos. A solidão e a perda do noivo fazem-na declarar-se como alguém muito triste que vive por aí se arrastando. Parece compreender pouco o fenômeno da menopausa e dá à sua médica a palavra final.

"Já estive nervosa três vezes, tive que ir para o Santa Clara mesmo eu tomava remédio, choque e aí passava; eu voltava para casa e começava a trabalhar, ficava sozinha de novo, eu não tenho ninguém, começava tudo de novo, eu ainda vou voltar lá muitas vezes, eu sei disso ... fui noiva seis anos, o desgraçado me deixou e eu fiquei sozinha, foi muito triste, eu queria era morrer, mas não morri não, estou aí me arrastando ... não tive menopausa ainda, acho meio estranho, mas eu continuo tendo as regras ainda, minha médica diz que eu já estou na menopausa, porque as hemorragias que estou tendo são próprias da menopausa, mas eu nem sei, ela é quem sabe." (p.37)

A releitura do que foi ditoppor esta mulher remete-nos a uma questão: a menopausa de um ser humano cuja existência foi alienada por sucessivas interações pode ser encarada como um fenômeno em sua especificidade ou deve ser vista como um fenômeno cuja vivência está circunscrita a fatores que alienaram-na de sua existência e, por conseguinte, de sua feminilidade? O fenômeno menopausa está atravessado pela solidão e pela incapacidade de nossa sociedade de absorvê-la sem estigmatizá-la.(a solidão)

Entrevistada N:

A entrevistada N afirma a sua sexualidade e parece situá-la no prazer imediato sem expectativas quanto ao relacionamento de longa duração. O trabalho e o casamento surgem vinculados à necessidade de satisfação social. A menopausa é associada ao medo de ficar feia e perder a sensualidade.

"Adoro fazer sexo, sou boa de cama, modéstia a parte. Meu cara é quinze anos mais novo que eu, mas eu duvido que ele arrume uma mulher melhor que eu, vai arrumar porque eu sou velha e homem é muito burro, tá sempre procurando uma mocinha idiota ... no trabalho eu venho, assino o ponto, faço alguma coisa e me mando... eu me casei muito nova, estava grávida e tinha de dar uma satisfação para a minha família ... na menopausa eu chorava muito, tinha um medo danado de ficar feia, de homem nenhum me querer mais, ainda tenho, mas agora eu sei que ainda continuo boa de cama, não quero mais saber de amor, isso é para vocês que são moças, eu quero é continuar a trepar mesmo." (pp.37/38)

5.2 - Conclusões:

"É uma casa de esquina, indestrutível.
Moro nela quando lembro,

quando quero acendo o fogo,
as torneiras jorram,
eu fico esperando o noivo, na minha casa aquecida.
Não fica em bairro esta casa
infensa à demolição.
Fica num modo tristonho de certos entardeceres,
quando o que um corpo deseja é outro corpo para escavar.
Uma idéia de exílio e túnel."
(Prado, 1977, p.25)

A existência feminina é ligada a fatores sociais e culturais, que restringem o viver da mulher a um contexto de medo e culpa. Sente-se, no decorrer do trabalho, que as mulheres relatam suas vidas e parecem falar melhor de suas perdas do que da fenomenologia da menopausa.

Reportando-nos à introdução, onde mencionamos que se pretendia delimitar o "viver da menopausa" como parte do processo existencial do indivíduo feminino, é importante ressaltar que procuramos captar as entrevistadas como "seres no mundo"; registramos o testemunho do que viveram e o seu presente marcado por lembranças de vários tempos; suas memórias refletem as contradições de uma história ambígua. A menopausa das quinze mulheres entrevistadas é a experiência de pessoas que viveram um tempo, no qual sexo e casamento caminhavam juntos e ascensão social e casamento tinham um grande peso e ousar transgredir normas era uma experiência dolorosa e marginal. Elas não sabem exprimir com facilidade o que sentiram, ressaltam as dores e o aspecto médico da questão, porque viveram sua vida com angústia e experimentaram seu corpo com temor e desconhecimento.

É mencionado na introdução que Minas Gerais é um estado contraditório, onde as tradições nascem das contradições. As quinze entrevistadas, mesmo quando ligadas à comunidade e ao trabalho, tiveram dificuldade em falar da menopausa. Parece que o corpo negado, ou mesmo afirmado por uma vida sexual ativa, ressentiu-se da carga de culpa que atinge aquelas que, na Belo Horizonte de tempos atrás, ousaram transgredir normas. A realização profissional mostrou-se importante, mas pouco se percebeu, na maioria das quinze entrevistadas, o relato de uma vida plena. Observa-se, que na sociedade ainda patriarcal na qual elas se criaram, o temor constante do abandono

no é uma evidência. Não se pode dizer que seja sinônimo de envelhecimento, mas que, como toda vida de seres interditados, acarreta angústia e dificuldade de encará-la de frente, porque a maior evidência é o receio constante de perder coisas, objetos, estabilidade e amores. Há uma constante insegurança permeando os relatos.

Como separar-se de uma união fracassada e buscar um novo relacionamento amoroso, há três décadas, quando todas as famílias de classe média se conheciam? Para a entrevistada C, ser "mulher falada" há vinte e seis anos, na Belo Horizonte da década de cinquenta, deve ter sido difícil. Seu sorriso esconde mágoas; o receio de que o tempo deixe marcas fundas em seu rosto ressalta o medo de não ser mais desejada. Ela escreveu livros, formou alunos, é um ser inteligente e criativo, mas tem medo.

Como separar-se de uma união fracassada e buscar um novo relacionamento amoroso há três décadas, quando todas as famílias se conheciam? Retomamos a questão para a entrevistada F, quando ela fala da casa e dos jardins, dos animais e dos móveis que foram de sua mãe. Ela é presente e passado: o presente são os filhos ausentes e o passado preservado é a casa que ela reforma todos os anos. Esta casa resiste, ela fala a linguagem muda dos enfeites que ela não tem. A dona da casa a enfeita, cuida dos seus móveis, cuida dos seus pássaros e flores. Nesta rotina está seu tempo histórico e biológico; tempo histórico porque esta casa fala de uma Belo Horizonte que deu lugar para prédios e estabelecimentos comerciais. Tempo biológico porque nas salas, quartos e jardins estão sua infância, adolescência e maturidade.

As mulheres entrevistadas falam de um tempo comum, porque nasceram entre 1920 e 1930, mas tiveram maneiras diversas de experimentar a vida. Ouvi-las, caminhar pelas ruas das donas-de-casa, olhar as bibliotecas, escritórios e salas de aula é contemplá-las na Belo Horizonte contraditória em sua origem e reflexo dos mais diversos interesses econômicos que geraram uma comunidade que destacamos na introdução do presente texto, com especificidades próprias.

A Literatura psicológica consultada omite ou menciona de passagem a menopausa. A mulher estudada por Freud e Deutsch é o ser interditado. Freud levantou hipóteses a partir do estudo de mulheres jovens e ignorou

alguns aspectos culturais, mas não podemos deixar de considerar que a hipótese levantada a partir do exame de sua obra não é negada pelo relato das entrevistadas:

"A perda das funções reprodutoras pode dirigir a catexis libidinal feminina para o ego, configurando a menopausa como um período narcisista caracterizado por crises hipocondríacas e hipertensivas caso não haja um direcionamento da catexis libidinal para outros objetos." (p.17)

Consideremos também a hipótese que levantamos a partir da obra de Hélène Deutsch:

"Esta etapa é efetivamente um período crítico da vida feminina, porque a mulher perde sua maior possibilidade de realização: a maternidade. Se a mulher sublima através da maternidade e esta é sua maior fonte de prazer, então, as mulheres que tiverem filhos poderão ter alguma espécie de compensação neste período através de filhos e netos. As mulheres estéreis ou que não geraram, provavelmente, estarão excluídas da possibilidade de superação dos traumas de correntes de seu sexo." (pp.20/21)

Estas hipóteses não foram negadas pelos relatos examinados no presente trabalho, mas relembro Horney, complementaríamos, que é difícil em uma sociedade, que desvaloriza a criação, a iniciativa e a ação para as mulheres, transgredir normas sem uma certa insegurança. O trabalho de Horney, que não ignora o ambiente cultural, alerta-nos para não nos descuidar, no estudo do fenômeno da feminilidade, que fatores sociais geram conflitos nas relações dos indivíduos.

Em síntese, o corpo parece falar de uma sexualidade negada, ou vivida com culpa e medo de solidão e abandono. Para algumas das entrevistadas o corpo é vivenciado como um corpo doente. Existe nos relatos uma referência constante a dores. O corpo é uma grande ameaça; a evidência de um corpo vivido como doente é o relato implícito da feminilidade interdita. A existência, enquanto ato livre e consciente, permite mudanças e transformações. A existência, enquanto aprisionamento, acarreta angústia e temor. O espaço interno atrofiado, ou retirado por cirurgias, como é o caso de algumas entrevistadas, é acompanhado pelo espaço externo não conquistado.

O que é a menopausa para as quinze mulheres entrevistadas?

Ela parece representar insegurança, medo e interdição, porque elas viveram seu sexo com receio e inseguras. Em "O espelho de Vênus" (1981), há um comentário sobre a menopausa que coloca a questão cultural, ou seja, em nossa cultura, após a menopausa, a mulher se torna homem.

"Com a menopausa essa idéia de soma, de acréscimo do exercício da sexualidade não aparece. A mulher entra numa classe em que nada se acrescenta, em que na realidade existe apenas uma perda, uma diminuição por vezes até uma anomalia. Essa perda aparece bastante evidenciada por este dito popular:

Menopausa é quando a mulher vira homem

Tal expressão popular traduz uma idéia de uma sexualidade feminina essencialmente ligada à procriação. O virar homem aqui aparece para indicar uma situação de anomalia, de metamorfose, de absurdo. E por que não dizer, por isso mesmo, um motivo de anedota ... Por outro lado, a menopausa parece também como uma doença que deve ser tratada." (Grupo Ceres, 1981, p. 244)

Comparando os relatos, nota-se uma realidade feminina comum mas as existências diferem. O fenômeno comum da interdição e do abandono não impediu a criatividade de muitas das entrevistadas. Elas sobreviveram a seu tempo de forma diferente, trabalharam e lutaram; algumas fechadas em suas casas, outras em escritórios, bibliotecas e salas de aula.

Fica a questão: "Como viverão a menopausa as mulheres que nasceram a partir de 1960?" Para que esta tenha outra conotação, muitos dos valores culturais associados à feminilidade terão que desaparecer, ou ser vistos de outra forma. A vida amorosa pode e deve ser valorizada, mas não como uma relação de dependência, na qual a constante ansiedade, acarreta angústia e medo de perder o objeto amado, tornando seres frágeis e inseguros aquelas que amam. O Trabalho e a Criação associados a um corpo sadio possibilitarão a existência de indivíduos que não sejam impotentes, mas "em evolução".

Aquele que vive é o experimentador. Sua existência não se esgota em uma época, ela assume novas formas e pressupõe mudanças. A amargura expressa pelas entrevistadas faz parte de um processo existencial dificultado pelos mitos que o cercam. Toda transição é vivida de forma ansiosa, maior será esta ansiedade se o silêncio e o temor cercearem a liberdade de

expressão. Elas experimentaram viver a vida com receio, não se sabe e não foi mencionado se houve possibilidade de desvendar para outros estes receios. A experiência não compartilhada pode acarretar maior solidão. Os filhos, o companheiro, os pais, vizinhos e amigos são os "outros". A alteridade é legitimada pelo silêncio, pela experiência vivida em segredo e não compartilhada. A dificuldade de falar em deste período, configurando como um fenômeno circunscrito ao consultório médico, exige novos estudos e uma preocupação maior da psicologia com a mulher maior de quarenta e cinco anos, para que se possa compreender com clareza porque o viver e o adoecer são tão intimamente ligados à existência feminina.

A mulher é imanente, seus órgãos reprodutivos são internos e o seu sangue menstrual fala de sua saúde. A ausência pode indicar gravidez ou alguma espécie de enfermidade. "A mulher espera a vida toda", ouve-se frequentemente esta frase, ela espera a menarca, depois da menarca ela espera mensalmente o fluxo menstrual, ela engravida e espera o filho, ela espera os filhos crescerem e espera o marido chegar. A frase popular fala de uma longa espera. Essa longa espera distancia aquela que a vive do presente. O sangue menstrual é olhado e o corpo é visto pelo médico ou é desejado pelo companheiro. O próprio corpo se torna um "outro", a mulher se contempla no espelho, vigia as rugas, examina a possibilidade de estar grávida ou doente.

Experimentar, relatar e compartilhar podem transformar cada etapa da existência em um momento vivido em sua integridade, evitando-se que o presente seja uma espera ansiosa, que transforma a fenomenologia da menopausa em um estudo de perdas, abandonos e envelhecimento.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILLA - Afonso, O Barroco Mineiro, S.P., Perspectiva, 1977

BEAUVOIR - Simone, O Segundo Sexo, S.P., DIFEL, 1975

BOSI - Ecléa, Lembrança de Velhos, S.P., T. A. Queiroz, 1979

FREUD - Sigmund, Fragmento de um Caso de Histeria, R.J., Imago, 1972

FREUD - Sigmund, Sobre o Narcisismo, Uma Introdução, R.J., Imago, 1972

FREUD - Sigmund, Sexualidade Feminina, R. J. , Imago, 1972

FREUD - Sigmund, Três Ensaios sobre A Teoria da Sexualidade, R. J., Imago, 1972

GRUPD CERES , Espelho de Vênus, S.P., Brasiliense, 1981

HORNEY - Karen, Novos Rumos na Psicanálise, R.J., Civilização Brasileira, 1966

LYOTARD - J. F., A Fenomenologia, S.P., DIFEL, 1967

MAY - Rollo, Psicologia Existencial, Porto Alegre, Globo, 1976

NIETZCHE - Friedrich, Assim Falava Zaratustra, S.P., Logos, 1954

PRADO - Adélia, O Coração Disparado, R.J., Nova Fronteira, 1977

VAN DER LEEUW, Phénoménologie de la Religion, Paris, Payot, 1970

7 - LEITURA ADICIONAL

AUGRAS - Monique, O Ser da Compreensão, Petrópolis, Vozes, 1978

BEAUVOIR - Simone, A Velhice, A Realidade Incômoda, S.P., DIFEL, 1970

CHASSEGUET- J. S., A Sexualidade Feminina, Novas Pesquisas Psicanalíticas, Petrópolis, Vozes, 1975

DARTIGUES - André, O que é a Fenomenologia, R.J., Eldorado, 1973

EDMUNDO - Luiz, O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis, R.J., Imprensa Nacional, 1932

FREYRE - Gilberto, Casa Grande e Senzala, R.J., José Olympio, 1950

FREYRE - Gilberto, Sobrados e Mucambos, R. J., José Olympio, 1968

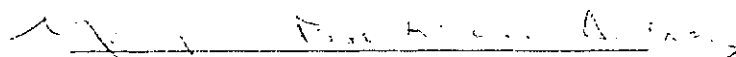
FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS - Mulher Brasileira, Bibliografia Anotada, S.P., Brasiliense, 1979

LAPLANCHE - J./PONTALIS - J. B., Vocabulário de Psicanálise, Santos, Martins Fontes, 1970

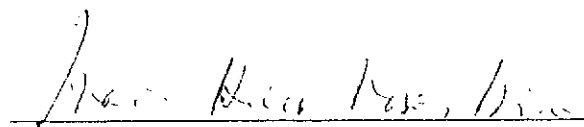
SAFOUAN - Moustafha, A Sexualidade Feminina na Doutrina Feminina, R.J., Zahar, 1976

TILLICH - Paul, A Coragem de Ser, R.J., Paz e Terra, 1976

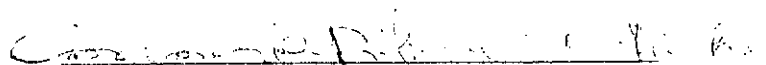
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:



Monique Rose Aimée-Augras
Orientadora
PUC/RJ - Deptº Psicologia



Maria Helena Novaes Mira
PUC/RJ - Deptº Psicologia



Anamaria Ribeiro Coutinho
PUC/RJ - Deptº Psicologia

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 1/10/81.



Vera Maria Ferrão Candau
Coordenadora dos Programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas